

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Instituto de Ciências Humanas – IH
Departamento de História - HIS
Monografia de Conclusão - Curso de Graduação
Professor Orientador: Dr. Mateus Gamba Torres

**As representações do Femicídio na mídia impressa de Brasília: uma análise do
jornal *Aqui DF***

Andressa Fonseca Sousa

Brasília

2019

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Instituto de Ciências Humanas – IH

Departamento de História - HIS

Monografia de Conclusão - Curso de Graduação

Professor Orientador: Dr. Mateus Gamba Torres

**As representações do Femicídio na mídia impressa de Brasília: uma análise do
jornal *Aqui DF*.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
História do Instituto de Ciências
Humanas da Universidade de Brasília
como requisito parcial para obtenção
do grau de licenciado/bacharel em
História.

Andressa Fonseca Sousa

Brasília

2019

Às mulheres que tiveram parte de suas
histórias retratadas neste de estudo.

Cristiane Moreira Barros

Ingred Silva

Rafaela Gonçalves de Oliveira

Carolina Beatriz da Silva Oliveira

Maria Andrelina de Jesus

Karina Justina

Ediléa Lopes Dourado

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo carinho e suporte. Aos meus pais, Delsuíta Alves Fonseca Sousa e Francisco de Assis Sousa. E aos meus irmãos, Adriana Fonseca Sousa e Marcelo Fonseca.

Ao meu orientador, Mateus Gamba Torres, pela sabedoria compartilhada, e pela presteza e paciência para construção deste trabalho.

Aos amigos de longa data, Renata Matos, Taynara Vales, Fábio Guimarães e Jacqueline dos Anjos, pela amizade e companheirismo.

Às amizades construídas e fortificadas pela Universidade, Ana Luiza, Andréa Queiroz, Luiza Noronha, Marcelle, Carolina, Mayara, Natália, Natássia, Guilherme, Thalita, por ter tornado esta caminhada mais agradável.

Em especial a Joana e a Natasha, pela ajuda na revisão deste trabalho. E ao Luã, pela tradução do Abstract.

RESUMO

Este trabalho analisa a narrativa do jornal *Aqui DF* em seu primeiro ano de circulação, 2006, sobre mulheres assassinadas por seus companheiros/ex-companheiros na periferia de Brasília. São analisadas sete matérias deste jornal que conta em sua narrativa acerca do *assassinato por razões de gênero* que seguindo as Diretrizes Nacionais Sobre Femicídio se refere à motivação do agressor em razão da conduta da vítima, sobre o que se espera que ela faça ou não em razão de seu gênero. O jornal *Aqui DF* é um importante veículo de mídia do Distrito Federal, que pertence ao grupo *Diários Associados*, um dos maiores conglomerados de mídia da América Latina. Como resposta para pesquisa, verifica-se alguns estereótipos relacionados para os agressores, as vítimas e ao próprio feminicídio.

PALAVRAS CHAVE: mídia, representações do feminicídio, violência contra a mulher.

ABSTRACT

This paper analyzes the narrative of the newspaper *Aqui DF* in its first year of circulation, 2006, regarding women who were murdered by their partners/ex-partners in the periphery neighborhoods of Brasília. Seven articles of the referring newspaper are analyzed that covers, through its narrative, gender-related murder, which, according to the *Diretrizes Nacionais Sobre Femicídio*, refers to the motivation of the aggressor being related to the victim's conduct, about what is expected of women to do or not to do just because of their gender. The newspaper *Aqui DF* is an important media corporation of the Distrito Federal, which belongs to the *Diários Associados*' group, one of the largest media conglomerates in Latin America. In response to this research, it is found some stereotypes for the perpetrators, for the victims and also for the act of femicide itself.

KEYWORDS: Media, Representations of femicide, Violence against women.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. CAPÍTULO 1: ASPECTOS REFERENTES AO FEMINICÍDIO E ÀS MULHERES NA MÍDIA.....	13
2.1 Mulheres e Legislação.....	13
2.2 Fontes e visões de gênero.....	13
2.3 Metodologia.....	17
3. CAPÍTULO 2: ASPECTOS DO FEMINICÍDIO NO JORNAL AQUI-DF.....	19
3.1 Covardia do enciumado.....	19
3.2 Mais um crime passional.....	22
3.3 Assassinada com cinco tiros.....	25
3.4 Matou e ligou pra mãe.....	27
3.5 Se não é minha, não será de ninguém.....	29
3.6 Brutalidade irracional.....	32
3.7 Matou a ex e se matou.....	34
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
5. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....	44
6. ANEXOS.....	48

1. INTRODUÇÃO

Na primeira década do século XXI, identificou-se que a maior parte da produção historiográfica nacional estava voltada para a História Cultural. A manifestação deste segmento se deu após uma crise dos paradigmas explicativos da realidade, que teve suas primeiras manifestações por volta dos anos 1970 (PESAVENTO, 2003). As teorias até então aceitas pareciam não ter mais capacidade de explicar a complexa configuração mundial que se formou na segunda metade do século passado, pós Segunda Guerra Mundial. Em resumo, essa crise pode ser entendida como um “esgotamento de modelos e de um regime de verdades e de explicações globalizantes, com aspiração à totalidade ou mesmo de um fim às certezas normativas de análises da história, até então assentes” (PESAVENTO, 2003, p. 8). Essa mudança ocorreu, em parte, por decorrência do surgimento de novos grupos, entre eles os movimentos feministas, por outras formas de se fazer política, economia, por mudanças na cultura, pelo efeito dos meios de comunicação de massa. No Brasil, a crise dos paradigmas chega no final dos anos 80. Os fundamentos questionados, basicamente, foram as ideias marxistas, que comandavam a historiografia nacional, e dos Annales (PESAVENTO, 2003). Assim, nesse contexto em que se propunham novas formas de explicação para o mundo, manifesta-se a História Cultural ou a chamada Nova História Cultural, já que ela ultrapassa o que até então se entendia como cultura, como nos explica Pesavento:

Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portando já um significado e uma apreciação valorativa (PESAVENTO, 2003, p. 15).

Um dos principais conceitos que se formulou nesse cenário de mudanças epistemológicas foi o de *representação*. Este termo foi inicialmente proposto, no começo do século XX, por Émile Durkheim e Marcel Mauss, no campo antropológico/sociológico, em busca de compreender as representações de mundo socialmente partilhadas, “expressas por normas, instituições, discursos, imagens e ritos, tais representações formam como que uma realidade paralela à existência dos indivíduos, mas fazem os homens viverem por elas e nelas”. (PESAVENTO, 2003, p. 9) Ainda seguindo as ideias de Pesavento, um recorte sobre as representações poderia se configurar como:

[...] são matrizes geradoras de conduta e práticas sociais, dotadas de forma integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. [...] As representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão. [...] A força da representação se dá pela capacidade de mobilização e de produzir reconhecimento e legitimidade social. As representações se inserem em regimes de verossimilhança e de credibilidade, e não de veracidade. (PESAVENTO, 2003, p. 39)

Dessa forma, considerando as representações o que se convencionou como uma possível *realidade* para uma determinada sociedade ou grupo, mas que não se confunde com o *real*, por ser apenas um modo de interpretar o mundo, e a sua questão com o simbólico, que implica significados maiores do que explicitamente evidenciam, assim como a sua influência nas práticas cotidianas, pretendo analisar a narrativa do jornal *Aqui DF* em seu primeiro ano de circulação, 2006, sobre mulheres assassinadas por seus companheiros/ex-companheiros na periferia de Brasília. O objetivo principal é verificar as representações que este jornal oferece ao feminicídio¹ em suas matérias², se reforça estereótipos de gênero ou se traz uma postura mais consciente quanto ao assunto. Em outras palavras, um desdobramento mais ousado seria, a partir dessas representações, identificar qual o lugar que o jornal coloca essas mulheres na sociedade, numa perspectiva de cidadania.

A cidadania aqui é entendida quanto à percepção deste jornal sobre a posição das mulheres na sociedade, quanto ao reconhecimento da igualdade de direito entre homens e mulheres. Peruzzo (2002) fala que o direito de se comunicar, que é a atividade da mídia, relaciona-se com o exercício da cidadania, “Cidadania pode ser entendida de maneiras diversas – tanto no sentido individual como no coletivo – e possui as dimensões civil, política e social” (MARSHALL apud PERUZZO, 2002, p. 78). Ainda segundo Peruzzo, cidadania fala de pertencimento à nação, direito à proteção, à

¹ “Fruto dos trabalhos da CPI Mista da Violência contra a Mulher, que funcionou em 2012, a Lei do Feminicídio (Lei 13.104, de 2015) não introduziu um “crime novo” no Código Penal. A rigor, o feminicídio é um agravante do crime de homicídio, uma circunstância específica que transforma o ato em homicídio qualificado. A pena para o crime vai de 12 a 30 anos de reclusão. Mas pode ser elevada em até 50% caso o crime seja praticado na presença dos filhos, pais ou avós da vítima, durante a gestação ou nos três meses imediatamente pós-parto e ainda contra vítima menor de 14 anos, maior de 60 anos ou com deficiência”. OLIVEIRA, Guilherme; OLIVEIRA, Nelson. **Três anos depois de aprovada, Lei do Feminicídio tem avanços e desafios**. Senado, 2018. Disponível em:

<<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/tres-anos-depois-de-aprovada-lei-do-feminicidio-tem-avancos-e-desafios/tres-anos-depois-de-aprovada-lei-do-feminicidio-tem-avancos-e-desafios>> Acesso em: 04 Mar. 2019.

² As matérias analisadas neste trabalho datam de 2006, nove anos antes do feminicídio ser tipificado como crime.

igualdade, à liberdade, à propriedade e de expressar suas ideias. Assim, entende-se que a informação repassada pelo jornal é fundamental também para o exercício da cidadania dos leitores.

A temática específica sobre feminicídio denota algo que é claramente repugnante a todos: o assassinato de mulheres por sua condição de gênero. No entanto, este trabalho pretende, pela análise do discurso do jornal, captar outras nuances que possam ferir a integridade das mulheres. Como, por exemplo, as diversas formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, denominadas pela Lei 11.340/06, mais conhecida por Lei Maria da Penha³, são elas: a violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. Esses tipos de violência são recorrentes antes do desfecho mais trágico: o assassinato, e estudar a opinião jornalística sobre este tema, para além de um *termômetro* do que possa ser um entendimento social do assunto pelos seus leitores, permite verificar se o próprio discurso jornalístico não é violento.

A fonte de análise deste trabalho será o tabloide *Aqui DF*, que pertence ao grupo *Diários Associados*, um dos maiores conglomerados de mídia da América Latina de grande circulação no Distrito Federal, sobretudo na periferia (DIÁRIOS ASSOCIADOS, 2009). A mídia produz e reproduz representações a todo o momento sobre os mais diversos assuntos e o discurso de um jornal pode ser um indicativo importante sobre a opinião social, tendo em vista o seu poder de alcance. Pessoalmente, o interesse em pesquisar periódicos surgiu depois de trabalhar em uma banca de revista, quando me aproximei de jornais voltados ao público popular, que continham em sua apresentação forte apelo emocional, com imagens e títulos violentos e, por vezes, tendenciosos, pendendo para o sensacionalismo. Por mídia sensacionalista, Holanda (2009) aponta que, em princípio, é aquela que utiliza a notícia como espetáculo. Sobre a perspectiva de Rosa Nívea Pedroso, Holanda explicita que na escrita sensacionalista há o predomínio de aspectos que valorizam mais a emoção do que a informação com ênfase em situações fora do comum e ao extravagante para dar forma a um

³ A Lei Maria da Penha foi reconhecida pela Organização das Nações Unidas como uma das melhores legislações do mundo no combate a violência contra as mulheres. No entanto, é preciso salientar o quão recente é essa lei, que apenas em 2006 o Estado brasileiro deixou de ser omissor quanto à violência contra a mulher, depois de ter sido condenado pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA, em 2001, a criar uma legislação nesse sentido. A condenação veio em decorrência da história da Maria da Penha Maia Fernandes que, por duas vezes, quase foi assassinada e, por diversas vezes, agredida por seu marido sem uma conclusão de um processo penal de punição ao seu agressor.

SECRETARIA DE ESTADO DA MULHER DO DISTRITO FEDERAL. **Lei Maria da Penha: pelo fim da violência contra a mulher**. Brasília, 2013.

acontecimento que na prática não existe. Neste processo, a notícia se torna maior do que realmente é a partir de destaque a fatos pouco importantes (HOLANDA, 2009).

Ao contrário da chamada “imprensa de elite” que procura embasar as matérias nas causas e consequência dos fatos, a imprensa sensacionalista não está muito interessada em fazer um trabalho crítico, mas em transferir sentimentos agressivos da sociedade sobre o indivíduo (leitor) diante da sociedade que gera miséria, poluição, desigualdade e consequentemente violência (HOLANDA, 2009, p. 21).

Essa apresentação dramática da notícia que intenciona extrair forte reação emocional do leitor por meio do “sensacional”, como a própria palavra remete, deixa de lado a principal função do jornal que é a da informação responsável, transformando a violência, o trágico e o humilhante em mercadoria. A categorização de um jornal como sensacionalista é muito negativa e serve para mostrar que ele não é confiável (HOLANDA, p. 7) e antes de enquadrar o *Aqui DF* nesta linha, entende-se, para este trabalho, que uma mídia pode se utilizar da técnica sensacionalista variando o grau para mais ou para menos.

O recorte sobre mulheres de periferia deve-se por identificação, por pertencimento a este grupo e, além disso, pelas preocupantes estatísticas de violência contra as mulheres, promovido pelo local onde vivem e por seus companheiros. O Mapa da Violência 2015 sobre homicídio de mulheres no Brasil revela que em Brasília, no ano de 2013, a taxa de homicídio era de 5,6 por 100 mil mulheres, enquanto a liderança coube à Vitória (ES), com 11,8 e a menor taxa à São Paulo (SP), com 2,8 por 100 mil mulheres. Este mesmo estudo mostra que, no total de 83 países, o Brasil ocupa atualmente o 5º lugar nas taxas de homicídio de mulheres, segundo dados da OMS, são 4,8 homicídios por 100 mil mulheres (WAISELFISZ, 2015), uma posição que clama por explicações e ações efetivas para mudanças deste quadro. Esta pesquisa não terá um contorno com descrição de raça, já que não é possível fazer essa análise pela narrativa das matérias, porém é importante frisar que dentre as mulheres que são assassinadas, as negras são as que mais sofrem este tipo de violência, variando por sua cor de pele, quanto mais escura, maior o risco, conforme apontado por este mesmo estudo (WAISELFISZ, 2015).

Esta monografia foi desenvolvida com uma introdução, contendo justificativas gerais sobre a escolha do tema apresentado. Um capítulo onde defino alguns conceitos que possibilitaram a análise das matérias do *Aqui DF*, como o de feminicídio, enquanto

assassinato por razões de gênero. Faço uma apresentação do jornal estudado, com informação de seus proprietários, dados de público, e a estrutura do jornal. São expostas algumas visões sobre a violência de gênero na mídia em geral e algumas fundamentações teóricas importantes para a pesquisa. Também exponho a metodologia adotada e análise geral das fontes. E, por último, apresento o resultado da pesquisa e considerações finais.

2. CAPÍTULO 1:

ASPECTOS REFERENTES AO FEMINICÍDIO E ÀS MULHERES NA MÍDIA.

2.1. Mulheres e Legislação.

Para este trabalho, no intento de conferir qual a representação do discurso jornalístico sobre feminicídio, foram selecionadas sete matérias das páginas policiais do *Aqui DF*, publicadas no ano de 2006, que contêm em seu texto notícias sobre mulheres assassinadas por seus companheiros/ex-companheiros, na periferia do Distrito Federal. A análise das fontes conta com a descrição dada a vítima, ao agressor, ao crime e da foto da reportagem.

Para pautar essa investigação uso como parâmetro o conceito de feminicídio enquanto *assassinato por razões de gênero*, seguindo as Diretrizes Nacionais Sobre Feminicídio, que se refere à motivação do agressor em razão da conduta da vítima, sobre o que se espera que ela faça ou não em razão de seu gênero: sentimento de posse sobre a mulher; controle sobre o corpo e desejo, autonomia; limitação da emancipação profissional, econômica, social e intelectual; tratamento da mulher como objeto sexual e manifestação de desprezo pela mulher e pelo feminino (ONU MULHERES, 2016).

Ao nomear o controle e o desejo de posse sobre o corpo feminino como características que podem desencadear a morte violenta de uma mulher, essas deixam de ser atribuídas ao perfil psicológico ou biográfico de vítimas e agressores, para serem reconhecidas como circunstâncias associadas às construções sociais dos papéis sexuais de masculino e feminino e, consequentemente, como um problema social (ONU MULHERES, 2016, p. 46).

O ano de 2006, além de ser o primeiro ano de circulação do jornal, também foi o ano da promulgação da Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006), um marco para legislação brasileira ao reconhecer a violência contra a mulher como uma questão social e não do privado, ela abarca a violência doméstica e familiar contra a mulher. Já a Lei 13.104, DE 9 de março de 2015, mais conhecida como a Lei do Feminicídio, foi publicada nove anos depois e abrange o assassinato de mulheres por sua condição de gênero, independente da proximidade afetiva da vítima com o agressor (BRASIL, 2015).

2.2. Fontes e visões sobre violência de gênero.

Considerando os objetivos deste trabalho, faz-se necessário saber um pouco mais sobre o *Aqui DF*. Este jornal teve sua primeira edição publicada em março de 2006,

com remessa diária, em formato tabloide. Seu custo inicial de R\$ 0,50 sofreu alteração em 2016, passando para R\$ 0,75. Em divulgação para seus anunciantes, o grupo *Diários Associados* descreve o tabloide como o primeiro lugar em leitura do seu segmento, sendo uma das principais fontes de informação diária da classe de renda C, com linguagem simples, manchetes chamativas e informações selecionadas para atender ao gosto do leitor. Quanto ao seu público, dados de 2010 mostram 353 mil leitores, entre eles 59% homens e 41% mulheres, com faixa etária dividida em 17% entre 10 e 19 anos, 30% entre 20 e 30 anos, 28% entre 30 e 39 anos, 19% entre 40 e 49 anos e 7% acima 50 anos. Na divisão por classe, 33% são da classe B, 54% da classe C e 10% da classe D (DIÁRIOS ASSOCIADOS, 2011).

Este periódico não possui sítio próprio na internet, mas conta com duas páginas nas redes sociais, no *Facebook* com 5.767 seguidores, onde diariamente é divulgada a capa do jornal⁴ e no *Twitter* com 740 seguidores⁵. Em seu formato impresso, tem sua estrutura dividida pelos seguintes blocos: *Segunda Página*, com carta aos leitores, previsão do tempo e charges; *Cidades*, que apresenta informações da região, cobertura sobre política, educação, saúde, moradia e meio ambiente; *Polícia*, engloba a parte relacionada a delitos; *Geral*, conta com informações do Brasil e do Mundo, variedades, concursos, vagas de emprego; *Lazer e Cia*, mostra notícias sobre celebridades, programas de TV, horóscopo, passatempo, informações sobre cinema, shows, teatro; *Esportes*, com a presença prioritária do futebol, tabela do campeonato brasileiro, programação de jogos da TV e demais eventos esportivos. Diariamente, traz um pôster de alguma modelo ou celebridade seminua, sempre com anúncio em destaque na capa do jornal e, ocasionalmente, o pôster de algum time de futebol. Há, também, como forma de atrair e fidelizar clientes a promoção *Junte e Ganhe* em que os leitores juntam selos numerados disponibilizados todos os dias na capa do jornal para completar uma cartela que, com mais alguma quantia em dinheiro, pode ser trocada por brindes, normalmente são utensílios de cozinha.

Em seu primeiro editorial, o *Aqui DF* se apresenta como um diário voltado às necessidades do cidadão, com notícias quentes e rápidas, relacionadas ao cotidiano e às

⁴ AQUI DF. **Página do Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/jornalaquidf/?ref=br_rs> . Acesso em: 15 de Jun 2019.

⁵ AQUI DF. **Conta do Twitter**. Disponível em: <https://twitter.com/aqui_df> (Acesso em 15 de Jun. 2019).

idades, dando maior evidência à periferia. Quanto a fazer um jornal no estilo popular, é posta a ideia de comunicação simples e direta, sem a necessidade de páginas policiais com corpos expostos para atrair público. O periódico também explora o fato de fazer parte do grupo *Diários Associados* que possui veículos de notícias em várias regiões do país, sendo possível um rápido intercâmbio de informações sobre o que acontece em outros estados (AQUI DF, 2006, p. 1).

De maneira geral, o que tem sido veiculado a respeito das mulheres na mídia são aspectos negativos, com forte apelo sexual, demonstração de fragilidade, dependência e subordinação. O que se tem predominado é uma imagem desfavorável para a autonomia das mulheres enquanto sujeito. Isto pode ser visto claramente no meio publicitário, as propagandas de cerveja mostram mulheres sensuais, seminuas servindo aos homens, destituindo-as de consumidoras deste produto⁶. Os comerciais sobre limpeza da casa são voltados exclusivamente ao público feminino, determinando a tarefa doméstica apenas como encargo da mulher⁷. A publicidade de automóveis, estes evidenciados como símbolo de status e poder, está voltada para o público masculino⁸.

Nos programas de televisão, o clichê das novelas exhibe em seu enredo um triângulo amoroso que coloca as mulheres em dualidade, uma vilã e uma mocinha, com intrigas e rivalidades em disputa pelo “galã”⁹. Nos programas culinários, quando da apresentação de receitas, são totalmente voltados para as donas de casa¹⁰, mas quando a disputa é entre chefes de cozinha, há participação expressiva de homens¹¹. Nos shows de auditório, em sua maioria apresentado por homens, dançarinas são usadas para ornamentar a cena¹². Os exemplos de estereótipos sobre mulheres aqui citados são mais evidentes na mídia televisiva, contudo, isso se reflete na mídia impressa, especialmente nos periódicos voltados ao público popular.

⁶ PROPAGANDA CERVEJA. Disponível em: <<https://goo.gl/UV75ti>>. Acesso em: 01 de Jul. de 2019

⁷ PROPAGANDA LIMPEZA. Disponível em: <<https://goo.gl/vS5bQu>>. Acesso em: 01 de Jul. de 2019

⁸ PROPAGANDA CARRO. Disponível em: <<https://goo.gl/CAAX3T>>. Acesso em: 01 de Jul. de 2019

⁹ NOVAELA ESPELHO DA VIDA. Disponível em: <<https://goo.gl/i5sVss>>. Acesso em: 01 de Jul. de 2019

¹⁰ MASTERCHEF. Disponível em : <<https://goo.gl/K9DLpx>>. Acesso em: 03 de Jul. de 2019

¹¹ ALBUQUERQUE, Naiara. Como um caso do MasterChef ilustra a desigualdade de gênero na alta gastronomia. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/12/13/Como-um-caso-do-MasterChef-ilustra-a-desigualdade-de-g%C3%AAnero-na-alta-gastronomia>>. Acesso em: 03 de Jul. de 2019

¹² DANÇARINAS DOMINGÃO DO FAUSTÃO. Disponível em: <<https://goo.gl/ahLZSy>>. Acesso em: 03 de Jul. de 2019

A partir dos exemplos relatados, é possível verificar que na mídia há comportamentos que se espera que sejam cumpridos pelas mulheres, espaços que devem ocupar e outros que não estão tão acessíveis e, por outro lado, há também papéis e lugares que são pré-determinados para os homens. Em suma, o mundo político e público para os homens e o ambiente privado e doméstico para as mulheres, como se essa relação fosse fruto de uma determinação biológica, como algo vindo da natureza.

A utilização do termo gênero entra neste trabalho como uma forma de enfatizar o caráter social das distinções sexuais, apontando para a não aceitação de um determinismo biológico para papéis sociais de homens e mulheres. Segundo Joan Scott:

Daí se segue que gênero é a organização social da diferença sexual. O que não significa que gênero reflita ou implemente diferenças físicas fixas e naturais entre homens e mulheres mas sim que gênero é o saber que estabelece significados para diferenças corporais. Esses significados variam de acordo com as culturas, os grupos sociais e no tempo, já que nada no corpo, incluídos aí os órgãos reprodutivos femininos, determina univocamente como a divisão social será definida (SCOTT, 1994).

Ainda nesse sentido, entendendo a definição de papéis como um processo social:

Essas concepções são resultados de um complexo aprendizado social, e não se baseiam em determinações estritamente biológicas, embora muitas vezes sejam apresentadas como se fossem ‘naturais’ ou até mesmo valorizadas como características essenciais de pertencimentos (AZEVEDO apud SILVA, 2018. P 20).

Deste modo, entendendo que gênero é uma construção social das diferenças percebidas entre os sexos e que essa distinção, de certa forma, determina uma hierarquia e produção de relações de poder, apreende-se que tanto a objetificação¹³ pela sexualização do corpo das mulheres, quanto à padronização de papéis de gênero como de mãe, esposa, dona de casa, delicada, do espaço privado e outros, são formas de violência simbólica e estão diretamente relacionadas com a violência física. A definição de violência simbólica dada por Pierre Bourdieu, fala sobre sua invisibilidade e sua aceitação no meio social:

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais

¹³ “Atribuir ao ser humano a natureza de um objeto, tratando-o como um objeto, como coisa; coisificar: objetivar o corpo feminino em campanhas publicitárias”. Ver em: <https://www.dicio.com.br/objetificar/> Acesso em: 21 de Jun. de 2019

precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância do sentimento (BOURDIEU, 2003, p. 7).

Ao que parece, essa polarização genérica do que seja masculino e feminino traz grande expectativa acerca do comportamento das mulheres, e fugir deste modelo provoca repreensão *automática*, talvez assimilada como educativa, tanto por homens quanto pelas próprias mulheres. Essa dinâmica desconsidera a subjetividade em torno do ser, sua história, desejos.

A banalização da violência contra as mulheres na mídia, por meio da repetição e desgaste do assunto sem abordá-la com a devida relevância, afeta o entendimento social sobre a temática. De certa forma difunde que é normal e aceitável hostilizar, coagir, intimidar e constranger as mulheres. Da esfera simbólica à prática, vemos no campo doméstico a violência ser romantizada, tendo o ciúme excessivo e a posse como expressões de amor e cuidado. A exemplo disto, uma pesquisa no *google* com a frase *morta pelo* aparece como sugestão para completar a frase *marido, companheiro, ex sogro, pai, namorado na cadeia, pcc, marido na cadeia, ex marido, ex sogro pastor* já quando a frase no buscador é *morto pelo* as sugestões para completar a frase são *segurança, bope, segurança extra, trem, namorado*. Exposto essas questões sobre feminicídio, gênero e violência simbólica, no próximo tópico será apresentada a análise das fontes.

2.3. Metodologia.

Para a utilização da imprensa como fonte e objeto de investigação histórica há alguns pontos que devem ser levados em conta, neste sentido, Luca (2008) cita Helena Capelato e Maria Lígia Prado:

[...]A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social, nega-se aqui, pois perspectivas que tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social da qual se insere (CAPELATO; PRADO apud LUCA, 2008, p. 118).

Acerca deste ponto de vista, uma notícia de jornal não deve ser observada apenas por si mesma, pois do acontecimento do fato até sua publicação verifica-se que “a imprensa periódica, seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma aquilo que se elegeu digno de chegar até o público” (LUCA, 2008, p.139), portanto, o que o jornal compartilha com o público é o que lhe é conveniente inevitavelmente

incorrendo em omissões. Dessa forma, o historiador “dispõe de ferramentas provenientes da análise de discurso que problematizam a identificação imediata e linear entre narração do acontecimento e o próprio acontecimento [...]” (LUCA, 2008, p.139).

Como estratégia para análise das fontes em estudo qualitativo, tendo em vista o que foi dito no início deste trabalho sobre *representações*, Pesavento apresenta o *paradigma indiciário* de Carlo Ginzburg, em que o historiador se assemelha a um detetive em investigação:

É preciso não tomar o mundo - ou as suas representações, no caso - na sua literalidade, como se elas fossem o reflexo ou cópia mimética do real. Ir além daquilo que é dito, ver além daquilo que é mostrado é a regra da ação desse *historiador detetive*, que deve exercitar o seu olhar pra traços secundários, para detalhes, para os elementos que, sob um olhar menos arguto e perspicaz, passariam desapercibidos (PESAVENTO, 2003, p. 64).

A utilização de entrevistas e falas de terceiros serão vistas como parte da narrativa do jornal, considerando o que foi dito acima a respeito da posição do jornal ser expressa por meio da escolha dos elementos que compõem ou não o texto.

Para a etapa inicial desta pesquisa foi realizada coleta no acervo digital na sede física do *Aqui – DF*. Como não há opção de busca por assunto com palavras chaves, foi feita a leitura das matérias publicadas pelo jornal no ano de 2006 desde a sua inauguração em 13 de março. Inicialmente foram pré-selecionadas onze matérias das páginas policiais que contém o assassinato de mulheres, em relacionamentos heteroafetivos, por seus companheiros/ex-companheiros, optando pela escolha de sete que melhor atenderam as proposições de resposta sobre o retrato do feminicídio pela mídia. Vale pontuar que as notícias na íntegra estão no anexo deste trabalho.

Das matérias escolhidas, seis foram destacados como a notícia principal do caderno policial, a exceção da fonte 4 que, mesmo tratando-se de uma reportagem pequena, chama atenção pelo impacto dramático produzido tanto pela foto quanto pelo título do texto, que será mais bem explicado na análise da matéria.

3. CAPÍTULO 2.

ASPECTOS DO FEMINICÍDIO NO JORNAL AQUI DF.

3.1. Covardia do enciumado.

A Fonte 1 do dia 10/10/2006, (ver anexo 1), tem em seu título principal: “Covardia do Enciumado”. No subtítulo: “Cristiane levou três tiros do ex inconformado. Ele ainda tentou se matar, mas não conseguiu”. A apresentação da matéria traz em seu título três aspectos pejorativos que denotam juízo de valor à imagem do agressor. A *covardia* que é a violência contra o mais fraco mostra que o jornal condena o ato. A característica de *enciumado* é uma forma de justificativa, o ciúme como uma forte emoção que impulsionaria para o crime, sem a devida discussão pode ser interpretada como o amor em excesso, mas que diz mais sobre o sentimento de posse sobre a mulher. E *inconformado* fala sobre o agressor não aceitar a decisão da vítima, de terminar a relação, mostrando mais uma vez sentimento de posse. No trecho “ele ainda tentou se matar, mas não conseguiu” parece que houve fracasso, derrota na tentativa de se matar, como se fosse melhor ele ter conseguido ou ainda que estivesse arrependido do assassinato.

A imagem do (anexo 1) com a legenda: “Melhor amiga de Cristiane, Fernanda está desolada”, mostra a moça segurando um *book* da vítima com fotos de estúdio. Ao fundo, o quintal de uma casa humilde. A imagem, ao trazer as melhores fotos de Cristiane, confere destaque ao fato da vítima ser jovem e bonita como lamento para sua morte, talvez não houvesse tanto pesar ou exposição de sua imagem nas fotos se ela fosse velha e fora dos padrões de beleza.

O início da matéria descreve os últimos passos da vítima “a última refeição de Cristiane Moreira Barros, 21, ocorreu às 19h do domingo. Após jantar arroz, frango, farofa e salada, saiu da casa humilde, em Samambaia, para ir a um orelhão”. Qual a necessidade de relatar a última refeição da vítima? Os condenados à pena de morte têm direito a escolha da última refeição. Cristiane teve uma refeição simples, pois não sabia que iria morrer? Uma romantização desnecessária para se noticiar um crime.

A profissão do agressor foi usada de forma ostensiva para se referir a ele: “o empresário Alberto Alves de Brito, 38, é acusado de ser o assassino”; “Segundo os investigadores da 26ª DP, o empresário matou por ciúme”, “ele é o dono do comércio”

“Cristiane era noiva, mas terminou o relacionamento para ficar com o comerciante”; “o empresário tentou retomar a relação”; “o empresário a aguardava numa caminhonete D20 vermelha”; “o empresário já ferido com o tiro”; “disse que o empresário, internado no Hospital de Base, confessou o crime”. Propositamente o texto quis passar a figura do agressor como *o empresário*, indicando o seu status social. Posteriormente, essa imagem será confrontada com a que foi atribuída à vítima.

Ele também é apresentado como um homem apaixonado e ciumento “o Alberto trocava de namorada toda hora, mas quando viu a Cristiane, parece que foi paixão a primeira vista”; esse trecho mostra Alberto como um homem *namorador* que abdicou da vida de *mulherengo* para viver uma paixão. É passada a ideia de que Cristiane mexeu com Alberto e o tocou em seu íntimo “paixão a primeira vista”, para alguém que não se envolve seriamente com ninguém, isto insinua que Alberto mudou por causa da paixão pela vítima, esta mudança pode ser uma busca por explicação do comportamento do agressor.

Em outro trecho fala sobre os ciúmes de Alberto “Cristiane não suportou as crises de ciúmes”; “ela reclamava que ele era ciumento”; “ele chegou a dizer iria fazer uma besteira se encontrasse ela com outro. Mas é uma pessoa boa. Ninguém esperava isso”. O uso da palavra besteira para denominar um assassinato mostra pouco caso com a vida da vítima. O que se espera de alguém que comete um assassinato é que seja violento, descontrolado e, segundo os relatos, parece não haver respostas para a atitude de Alberto, “ninguém esperava isso” mostra que ele era uma pessoa *normal*, um trabalhador. Teria ele sido acometido por uma *loucura* que seria uma singularidade em sua vida?

A natureza passional atribuída ao comportamento violento operava para mostrar os crimes como atos isolados na vida do acusado, em geral um homem de caráter ilibado e portador dos melhores atributos na vida privada (como pai, marido, filho e outras relações familiares) e na vida pública (como trabalhador, colega de trabalho etc.). Consequentemente, o crime era tratado como de natureza íntima, episódico, encerrado no espaço privado, sem representar um perigo para a ordem social, contornando, dessa forma, as tentativas de criminalização e intervenção da justiça (ONU MULHERES, 2016, p. 24-25).

É indicado na matéria que a vítima é de origem humilde “A jovem morava com os pais numa pequena vila no terreno de uma granja” assim como no trecho anteriormente mencionado “Após jantar arroz, frango, farofa e salada, saiu da casa

humilde, em Samambaia, para ir a um orelhão” em contraponto a diversas vezes que o agressor foi posto como bem sucedido. A ênfase sobre Alberto ser empresário pode induzir o leitor a vê-la como uma mulher que foi em busca de Alberto pelo seu dinheiro, reforçando o estereótipo de interesseira.

O jornal refere-se à vítima como *a jovem* ou a chama pelo nome. “O homem teria se interessado pela jovem quando ela apareceu no Supermercado Líder, em Samambaia, para entrevista de emprego. Ele é o dono do comércio” um fato apenas mencionado, mas não discutido na matéria é que a vítima era empregada do agressor, portanto havia uma relação de subordinação no trabalho.

Cristiane era noiva, mas terminou o relacionamento para ficar com o comerciante. O novo namoro durou três meses. Cristiane não suportou as crises de ciúme, pediu demissão e reatou com o noivo. “Ela reclamava que ele era ciumento. Dizia que ele a seguia e brigava muito”.

Há empenho em transformar a imagem de Cristiane em uma mulher volúvel por trocar de namorado, isto tenta justificar e até legitimar os ciúmes de Alberto para os leitores. Os dois trechos demonstram buscar no passado da vítima quais atitudes teriam resultado em sua morte, o contexto sobre o qual Alberto agiu. Cristiane estaria em um *triângulo amoroso*. No intuito de orientar as autoridades nos processos e julgamento das vítimas, as Diretrizes Nacionais do Feminicídio orientam que:

Em nenhuma hipótese deve ser admitido que as evidências sobre a personalidade da vítima, sua história de vida ou seu comportamento reproduzam estereótipos e preconceitos com base no gênero, para julgamento moral das vítimas e sua responsabilização pela violência que sofreu (ONU MULHERES, 2016, p. 42).

E por último, uma fala do irmão da vítima “Quando olhei, ela tinha entrado no carro. Não sei se obrigada ou por vontade própria”, colocar em dúvida se Cristiane foi ou não por vontade própria atribui responsabilidade sobre a vítima, como se ela tivesse escolhido ir e provocado o seu próprio *destino*.

Há um apêndice a essa matéria intitulada como *freqüente* (sic) que fala de dois casos de tentativa de assassinato de mulheres. “O caso de Cristiane não é o único ataque contra mulheres registrado no domingo” indica reconhecimento do jornal que a violência contra as mulheres ocorre por seu gênero.

3.2. Mais um crime passionnal.

Na fonte 2 constante no anexo número 2, do dia 18/07/2006, vemos o título principal: “Mais um crime passionnal”. Subtítulo: “Inconformado com a separação, marido mata mulher a facadas e tenta cometer suicídio. Não conseguiu”. A escolha do título com *mais um* indica a recorrência para o que jornal chama de crime passionnal, essa ideia será reforçada no apêndice da matéria que mostra de forma resumida outros cinco casos. Como dito anteriormente, o conceito de crime passionnal (ONU MULHERES, 2016) traz uma resposta simplória para os assassinatos, evoca o sentimento de paixão para encobrir a dominação masculina (BOURDIEU, 2003), por controle sobre as mulheres. O trecho *Inconformado com a separação* mostra novamente o sentimento de posse ao não respeitar a escolha da mulher em se separar, essa decisão não caberia a ela. Em *tenta cometer suicídio. Mas não conseguiu* passa novamente a impressão de que seria melhor se ele tivesse conseguido. Este título traz grande semelhança com o da fonte um.

Na imagem, constante no anexo 2, chama atenção a legenda: “O autor do homicídio está internado. Assim que se recuperar, será preso”, mostra um lote com uma casa e um *barraco de fundo* sem acabamento, uma janela sem vidros e no corredor duas toalhas estendidas. A foto retrata a pobreza do lugar.

A vítima é apresentada como ingênua devido a sua idade e, por outro lado, como bem sucedida por sua profissão “A funcionária pública Ingrid Silva dedicou seis dos 20 anos de vida ao carregador Antônio Carlos Freitas, 25”. Ao indicar que ela se dedicou, parece que não fez nada mais da vida a não ser servir ao seu ex-companheiro. A descrição da relação é apresentada de forma romantizada, “Muito jovem, ela elegeu Antônio o homem com quem passaria o resto da sua vida e foi morar com ele. No domingo decidiu colocar um ponto final no relacionamento”. A ênfase sobre a juventude da vítima remete a pouca maturidade para a decisão de se casar, como se ela pudesse optar por alguém que não a mataria. Coloca responsabilidade sobre a vítima por ter escolhido *errado*. Essa passagem também fala de forma idealizada sobre relacionamentos que duram para sempre “passaria o resto da vida” ou como no dito cristão *até que a morte os separe*. Dessa forma, ela decidir terminar o relacionamento é ir contra o que está pré-estabelecido, como se ela tivesse quebrado as regras, assim é

esperado que tivesse consequências. Outro ponto que pode ser visto em “passaria o resto da vida” é porque literalmente ela foi morta após o término do relacionamento.

A reportagem se concentra em uma briga que o casal teve após a separação por causa de uma cadela que o agressor levou consigo e isto teria sido o fator decisivo para o assassinato. “Inconformada, Ingrid resolveu buscar o animal de estimação na casa do ex-cunhado. Lá encontrou a morte” Ao falar que a vítima estava *inconformada*, o uso dessa palavra traz menosprezo à decisão dela em querer o animal de estimação, o agressor já havia saído de casa, ela deveria se conformar com isso. No entanto, a Lei Maria da Penha que foi promulgada um mês após esta reportagem, trata da violência patrimonial, assim, a subtração do animal poderia se enquadrar nesta tipificação (BRASIL, 2006). A frase “Lá encontrou a morte”, remete a ideia de que a vítima foi em direção à morte por um *capricho*, o animal de estimação, como se ela pudesse estar viva se tivesse se *conformado*.

O jornal usa a palavra *inconformado* para o agressor, em não aceitar a separação, sendo este o motivo do assassinato como indicado no subtítulo da matéria e, depois, *inconformada* para a vítima, por não aceitar que o agressor levasse o animal de estimação. A utilização da palavra não parece ser ao acaso e explicita a diferença do que é ser *inconformado* para o homem e para a mulher.

O jornal apresenta detalhes de violência, “Após a discussão, Antônio pegou uma faca e golpeou várias vezes a ex-mulher. Ninguém conseguiu detê-lo”. Este trecho traz certo movimento à narrativa para provocar respostas emocionais por meio da curiosidade e imaginação, passa a impressão de testemunha da cena para aquele que lê.

No entanto, a matéria não cita fontes, a *tentativa de alguém deter o criminoso* pode ser uma invenção. E a narrativa continua com pormenores do assassinato “Ingrid foi atingida na garganta e em várias partes do corpo diversas vezes”; “Em seguida o carregador tentou se matar. Com a mesma faca, fez um corte no próprio pescoço”. Parece haver sentido figurado: *a mesma faca que mata Ingrid, quase mata Antônio*. A faca seria a representação (PESAVENTO, 2003) do motivo, talvez a paixão ou o ciúme?

Das sete matérias escolhidas para este trabalho, em duas os agressores tentam o suicídio e em outras duas, o conseguem efetivar. O homicídio seguido de

suicídio/tentativa de suicídio parece ser um fato recorrente, porém não há dados oficiais no Brasil sobre a temática e também poucas pesquisas, sendo a maioria delas na área da psiquiatria e psicologia¹⁴. Pode-se ver que há certo silêncio na literatura acadêmica, e isto se repete nas reportagens, o suicídio é apenas mencionado, mas nada sobre isso é dito. Há grande tabu sobre a questão por ainda não se entender bem o fator psicológico envolvido, mas sabe-se de suicídios ocorridos após a leitura de outros casos sobre o tema.¹⁵ Considerando que essa é uma situação delicada a OMS divulgou um manual para os profissionais da mídia com os devidos cuidados que se deve ter ao noticiar casos de suicídio:

Um dos muitos fatores que podem levar um indivíduo vulnerável a efetivamente tirar sua vida pode ser a publicidade sobre suicídios. A maneira como os meios de comunicação tratam casos públicos de suicídio pode influenciar a ocorrência de outros suicídios (OMS, 2000, p.3).

No entanto, o reconhecimento desse evento e o debate sobre ele é central para compreensão do feminicídio, requer um olhar sobre homens para além de *agressores*, mas como vítimas de si mesmos, como vítimas do machismo que impõe valores e condutas a serem seguidas. Todavia, é evidente que as mulheres são as que mais sofrem os efeitos da violência de gênero.

Diferente da Fonte 1, nesta reportagem se fala bem menos sobre o agressor, aqui a profissão de carregador é mencionada para apresentar sua ocupação. A narrativa fala mais sobre a vítima e, no final, apresenta como seu destaque profissional pode ter sido o real motivo para os ciúmes de Antônio, diferente da ideia inicial de que o crime teria sido por causa de uma briga pelo animal de estimação do casal.

¹⁴ Sobre o assunto, ver: BINS, Helena Dias de Castro; DOLER, Cíntia; TEITELBAUM, Paulo Oscar. Homicídio seguido de suicídio: relato de caso. **Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul**, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 128-131, 2009. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082009000200008&lng=en&nrm=iso > (Acesso em 14 de Jun. de 2019). E, AZEVEDO, Ana Karina Silva. **Não há você sem mim: histórias de mulheres sobreviventes de uma tentativa de homicídio**. 2013. 202 f. Tese (Doutorado em Psicologia, Sociedade e Qualidade de Vida) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013. Disponível em <http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/17399/1/AnaKSA_TESE.pdf> (Acesso em 14 de Jun. de 2019).

¹⁵ “Uma das primeiras associações conhecidas entre os meios de comunicação de massa e o suicídio vem da novela de Goethe *Die Leiden des Jungen Werther* (Os Sofrimentos do Jovem Werther), publicada em 1774. “Nesta novela, o herói se dá um tiro após um amor mal sucedido. Logo após sua publicação, começaram a surgir na Europa vários relatos de jovens que cometeram o suicídio usando o mesmo método. Isto resultou na proibição do livro em diversos lugares. Este fenômeno originou o termo “Efeito Werther”, usado na literatura técnica, para designar a imitação de suicídios.”

OMS. **Prevenção do Suicídio: Um Manual para Profissionais da Mídia**. Genebra, 2000. P. 3 Disponível em: https://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_media_port.pdf (Acesso em: 16 de Jun. de 2019).

De acordo com o tio de Ingrid, o ladrineiro Marco Antônio Pessoa, 43, o relacionamento da sobrinha e do Antônio começou a se desgastar depois que ela ingressou, por meio de concurso, na Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT). A moça começou a trabalhar como digitadora. ‘Ela estava lá há pouco mais de um ano e ele sentia muito ciúme’

Esta passagem fala sobre a limitação da emancipação profissional da mulher ao começar a trabalhar como funcionária pública, pois ela ganha maior prestígio e provavelmente mais dinheiro que seu companheiro. A luta das mulheres para participarem do funcionalismo público compunha o conjunto de reivindicações das feministas do começo do século XX, juntamente com o direito ao voto durante a República dos Governadores (SOIHET, 2012).

3.3. Assassinada com cinco tiros.

Na fonte 3, que se encontra no anexo 3, do dia 12/12/2006, tem no título principal uma característica no mínimo diferente: “Assassinada com cinco (sic) tiros”. Subtítulo: “Menina de 15 anos andava pela rua quando foi executada em plena luz do dia. O namorado é o principal suspeito”. Esta reportagem fala sobre o assassinato de uma adolescente e a matéria enviesa para infantilização da vítima ao chama-la de *menina*. Ainda que o título aponte o namorado como suspeito de ser o autor do crime, no decorrer da narrativa o relacionamento dos dois não parece ter importância para o assassinato. A palavra *executada*, usada pelo jornal apenas nesta fonte, remete à ideia de sentença de morte por motivos de acerto de contas. O jornal não atribui a esse caso a morte em função de gênero, o motivo seria o envolvimento da vítima com *drogas*, invisibilizando, portanto, o aspecto de feminicídio.

A imagem do anexo 3 traz a legenda: “Polícia ainda está no início das investigações. Motivo pode ter sido ‘drogas’”, mostra um corpo em um terreno baldio, coberto por um lençol branco e cercado por fita policial para isolar o local do crime. Ao redor várias pessoas com guarda-chuvas observando a cena. Também há uma foto menor sobreposta do rosto da vítima com uma blusa estampada com o nome de *Jesus* – a religiosidade traz ambiguidade sobre a ideia de estar envolvida com drogas. A imagem de muitas pessoas olhando o corpo, mesmo com o tempo chuvoso, apresenta a cena como espetáculo.

O início da reportagem, assim como na Fonte um, fala dos últimos passos da vítima, “Após passar a manhã brincando com o sobrinho de 4 anos na casa do irmão,

Rafaela rumou para a morada nº14 do conjunto 06 da QR 308, onde residia. Ali ficou por um tempo.” Ao falar que a vítima estava brincando com o sobrinho, reforça aspectos de infantilidade e ingenuidade. O jornal popular tem como uma de suas principais características o uso de linguagem acessível e simples, no entanto, o uso da palavra *rumou* extrapola o uso coloquial e aponta para uma escrita poética.

Ainda sobre os últimos passos da vítima, “Almoçou, foi para o quarto e, pouco depois, saiu. Como de costume, trancou a porta e pôs a chave do cômodo no bolso da bermuda”, tais pontos não contribuem em informação, não há relevância em expor sobre eventos corriqueiros da vítima antes de ser morta. Esta técnica ajuda a cumprir o que se pretende com o tamanho do texto, trazendo informações vazias sem nenhum interesse, apenas para preencher espaço. De qualquer forma, fica claro que enquanto esses aspectos foram escolhidos para compor a narrativa, outros ficaram de fora, como a problematização da violência contra às mulheres, por exemplo.

O próximo trecho parece ser rimado pelas palavras *ia* e *voltaria* “Sem avisar para onde ia, a menina deixou sua casa. Mas ela nunca mais voltaria”, mostra culpabilização da vítima, apontando irresponsabilidade, pois aparentemente a *menina* devia ter avisado ao sair. “A caçula de cinco irmãos foi atingida por cinco tiros – na cabeça, no tórax e nas costas”, *cinco irmãos*, *cinco tiros* a repetição dos números reforça a ideia de rima.

A narrativa do jornal se concentra em descrever detalhadamente sobre a vítima e as poucas passagens que falam do agressor mostram sobre a perspectiva de como Rafaela estaria envolvida com alguém que não é de *boa índole*. “Um vizinho, que não quis se identificar, diz que a vítima estava ‘metida com gente ruim’, sendo uma delas o próprio namorado. O rapaz – que não teve o nome divulgado por ser, por enquanto, apenas suspeito – seria traficante.” Não há nenhuma reflexão no sentido de compreender a relação dos dois, mas a culpabilização da vítima por estar envolvida com um traficante.

O silêncio sobre o relacionamento e a reiteração sobre a vítima ser *criança* parece dizer que ela não tinha idade para estar em um namoro de *verdade*, por este aspecto não haveria como o crime ser visto pela via afetiva, mesmo que em uma passagem reconheça a existência de conflito entre o casal, “segundo um amigo da vítima ela e o namorado tinham uma relação conturbada”. Em outra parte da reportagem

mais uma vez a vítima é responsabilizada, ela mesma teria colocado sua vida em perigo, “Outra vizinha acredita que, por influência do namorado, Rafaela teria largado os estudos. ‘Acho que esse era um dos motivos que colocava a vida dela em risco e preocupava tanto a mãe’”. Nas outras reportagens a culpabilização da vítima se situa no âmbito da relação de poder dos homens sobre as mulheres, mas aqui por se tratar de uma *menina*, a ênfase é o desrespeito à autoridade da mãe, como visto na passagem “e preocupava tanto a mãe”.

Por último, o jornal fecha com uma espécie de poesia “Ontem a preocupação de dona Maria chegou ao fim. Foi substituída por uma dor indescritível. Dentro de casa não estará mais a menina com sede de independência e sorriso fácil. Tudo porque alguém tirou Rafaela de perto daqueles que a amavam”. A utilização do recurso poético dramatiza e *embeleza* a morte, extrai do expectador o sentimento de piedade sobre a situação que é em sua essência triste, mas acaba por ofuscar outros aspectos importantes como a segurança das mulheres.

A matéria seguinte tem um aspecto diferenciado, ela não foi o destaque principal do caderno policial, sendo, portanto, menor do que as demais, porém foi escolhida para compor este trabalho devido ao seu título e imagem, como será exposto.

3.4. Matou e ligou pra mãe.

Na fonte 4, (ver anexo 4), datada de 05/06/2006 o título principal traz poucas informações: “Matou e ligou pra mãe”. Sem subtítulo. O agressor ligou para a mãe da vítima para confessar o crime, mas no título tem aparência que ele ligou para sua própria mãe, essa tática traz ambiguidade no sentido de confundir o leitor para atraí-lo à leitura. Também passa fragilidade ao agressor, como se após o assassinato ele tivesse ligado para sua mãe em busca de conforto.

A imagem do anexo 4 com a legenda: “Assassino usou espeto para dar golpe de misericórdia”, mostra um grande espeto ensanguentado em cima de uma mesa. A escolha da arma para a imagem traz forte impacto, já que instiga a imaginar a violência da agressão e o sofrimento físico causado à vítima. O título fala em golpe de misericórdia¹⁶, de certa forma mostra *compaixão* do agressor ao por fim ao sofrimento

¹⁶ Procedimento final praticado contra uma pessoa que está prestes a morrer, para minimizar-lhe o sofrimento. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=GReM>. Acesso em: 07 de maio de 2019.

da vítima, o que na verdade pode ser visto como um deboche, considerando que o mesmo provocou tal sofrimento.

Esta reportagem é mais enxuta do que as outras, traz aspectos mais objetivos sobre o assassinato:

Um crime bárbaro chocou os moradores de Planaltina, na noite de sábado. O motivo: ciúmes. A vítima, Carolina Beatriz da Silva Oliveira, 20, morreu com uma facada no pescoço e pancadas de espeto na cabeça. O autor, Sérgio Avelino da Silva, 29 anos, ligou para a polícia após assassinar a namorada.

Um crime bárbaro traz julgamento moral, a matéria demonstra explicitamente a condenação do crime. E vai para o extremo, tira o agressor da ordem do civilizado, a escolha da palavra *bárbaro* tem forte impacto, fala do animalesco, coloca-o como sendo o *outro*, uma exceção.

A Palavra civilização surgiu na França iluminista no século XVIII com um significado moral: *ser civilizado* era bom, urbano, culto e educado. Para os iluministas, a civilização era uma característica cultural que se contrapunha à ideia de barbárie, de violência, de selvageria (SILVA; SILVA, 2005, p.59).

O jornal, ao julgar, coloca-se no lugar oposto ao do agressor, o seu nível seria elevado, assim como o de seus leitores. No entanto, esse enfoque é estéril para o entendimento do assassinato. A recorrência desses casos aponta a morte de mulheres vinda de seus companheiros/ex companheiros. São homens. Trata-se, portanto, de pensar o feminicídio como uma questão social, e não uma exceção vinda de um *monstro*.

A entrevista com o delegado ocupa quase toda reportagem, as falas são no intuito de esclarecer o crime. “Segundo o delegado plantonista da 31ª DP, Sinval de Oliveira, o casal namorava há um ano e meio e tinha uma relação conturbada por causa do ciúme”, aqui mais uma vez *relação conturbada* e *ciúmes*, dá justificativa para o assassinato, como se o fato de sentir ciúmes fosse motivo compreensivo para dar fim a uma vida.

A informação de que vítima estava bebendo com o agressor e foi para o apartamento dele infere na culpabilização sobre a mulher, “‘Sérgio contou que o casal havia ido para uma festa e que, depois de beber, o casal foi para o apartamento dele discutindo’ informou o delegado. (...) Por volta das 18h, de volta ao apartamento, o casal iniciou uma briga.” Este fragmento, ao utilizar o termo *briga* dá impressão que a situação dos dois é equivalente no confronto, até a próxima narrativa com relato

desproporcional de violência. “O assassino golpeou a namorada no pescoço com uma faca. ‘Cristina ficou se debatendo. Então, Sérgio pegou o espeto de frango e feriu a cabeça da namorada até ela morrer’ disse Sinval.”, a imagem do espeto usado para ilustrar a matéria dá a impressão de que a vítima foi perfurada, mas no relato do caso isso não fica claro. Houve um erro na transcrição da matéria, o nome da vítima é Carolina e não Cristina, como informado neste trecho. Ao que parece o nome da vítima não tem muita importância. A narrativa continua com a entrega do agressor à polícia:

Logo após o crime, ele telefonou para a Polícia Militar e a aguardou embaixo de seu prédio. “Enquanto esperava, o assassino ligou para a família da namorada e disse: ‘pode vir buscar a Carolina porque ela está toda ensanguentada. Eu matei ela’ (sic).”, contou o delegado.

Ainda que possa haver alguma implicação *burocrática* com as autoridades, o agressor preferiu se entregar. Há certo sentimento de legitimidade em sua ação, mesmo que seja contra a lei, assassinar *sua mulher*, parece ter alguma compreensão, já que ele se entregou às autoridades e à família da vítima.

3.5. Se não é minha, não será de ninguém.

Já na fonte 5, (ver anexo 5), de 08/08/2006, o título principal traz um clichê que se relaciona com o sentimento de posse, relacionado a uma dominação masculina: “Se não é minha, não será de ninguém!” Subtítulo: “Com esse argumento, Rosival Ferreira esfaqueou a ex-namorada Maria Andreлина, que encerrou namoro de dois anos”. Um trecho da fala do agressor foi escolhido para ser o título da matéria e resume o que seria o motivo do assassinato, o fato de Rosival não aceitar que Maria Andreлина terminasse o namoro. Isso demonstra o sentimento de posse, não por receio de perder o afeto da companheira, mas pela ideia de que ela possa vir a ter outra pessoa, ou melhor, que outra pessoa a *possua*, já que ele a vê como sua propriedade.

Porque os ciúmes são percebidos pelas envolvidas e envolvidos nas relações conjugais como manifestação de amor, os ciúmes são percebidos sempre mais do que manifestação arbitrária da possessividade masculina. Eles interpelam àquela acusada que se examine e pergunte se não deu razão para os ciúmes. O que tem ciúmes, imediatamente reafirma que deseja a mulher e que exige nela ver a expressão única de que nada deseja além dele. [...] Controle, desejo de ter, desejo de não perder, desejo de que as mulheres nada queiram a não ser eles mesmos, são os que nos “falam” os atos dos homens agressores... Todos estes casos parecem orquestrados pelo desejo dos homens de que as mulheres nada desejem além deles. Importa menos quanto elas os desejem, e muito mais o de que elas nada desejem. Ou seja, o medo de que elas desejem. Podem já não as estarem desejando como objetos amorosos, mas o insuportável é vê-las como sujeitos desejantes (MACHADO; MAGALHÃES, 1998, p. 34-35).

A imagem com a legenda: “Na parede da casa, o retrato da tragédia, assistida por três crianças”, mostra, em primeiro, plano uma parede com marcas de sangue que forma uma mão aberta. E, ao fundo, um quintal de uma casa simples com latas de cerveja espalhadas no chão. Essa imagem provoca impacto emocional, comove por trazer o sofrimento em sua literalidade, o sangue, e simbólico pelo formato impresso na parede pela mão, como se pedisse *socorro*.

O começo da reportagem traz um combo para justificativa do crime, “a combinação entre bebida, ciúmes e um cigarro determinou mais um assassinato por motivo passionai no DF”, *bebida, ciúmes e um cigarro; motivo passionai*, não traz reflexão alguma sobre o assassinato, ao contrário, passa a ideia de que se talvez um dos elementos não estivesse presente, como um simples cigarro, por exemplo, não haveria a morte. A impressão que passa nesta fala é que o autor do crime estaria bebendo, mas era a vítima quem fazia uso da bebida.

O jornal julga o comportamento do agressor como uma ação *desesperada, violenta e irracional*, demonstrando a sua reprovação pelo ocorrido:

O pedreiro Rosival Ferreira de Moraes, 26, foi preso em flagrante [...] ele protagonizou uma ação desesperada, violenta e irracional contra Maria Andrelina de Jesus, 32. Os dois namoravam há dois anos e tiveram um desentendimento definitivo.

Essa fala confere singularidade à atitude de Rosival, pois ele estaria em *desespero e irracional* como se em uma situação *normal* ele não fosse capaz daquilo, mas forçado a tal ação por *impulso*. É semelhante ao uso da justificativa de *passional*. Também é possível perceber na fala *os dois tiveram um desentendimento definitivo* que o jornal passa a ideia que o resultado da morte foi a partir de uma interação dos dois e não como uma ação de Rosival contra Maria.

Mais da metade da reportagem é de entrevista com agressor dando a sua perspectiva sobre o acontecido, logo, o jornal aceita a sua versão e a apresenta ao leitor:

Segundo Rosival, quando ele chegou na casa da namorada, ela estava com um grupo de amigos no quintal e todos tomavam cerveja. A discussão começou por causa de um cigarro. ‘Eu cansei de falar para ela parar de fumar, e fiquei foi com muita raiva quando um cara que bebia com ela lhe pediu um cigarro. Ela tentou disfarçar para eu não perceber que ela estava com cigarro em casa’.

Aqui há dois elementos do controle que Rosival faz a sua companheira, o cigarro, ela não poderia fumar sob o pretexto de que seria uma questão de saúde e, um pouco menos evidente, o fato de *um cara* interagir com Maria, assim, o cigarro parece ocupar um fator secundário para disfarçar os ciúmes do agressor.

O jornal continua com a versão do agressor, sem nenhuma intervenção em sua fala:

Foi então que começamos a brigar e ela terminou tudo. Eu fiquei transtornado. Não aceitei o término. Fui em casa e peguei uma faca. Voltei na casa dela para convencê-la a reatar. No calor da discussão, eu a esfaqueei, porque se ela não fosse minha, não seria de ninguém.

Esse trecho diz que o agressor agiu pelo *calor da discussão*, no entanto, ele já havia ido a sua casa pegar uma faca, não dar destaque a esses detalhes faz com que o leitor acolha a versão do agressor, que foi a única escolhida para compor a matéria. E a sua fala prossegue “Se pudesse voltar atrás não teria feito. Estou muito arrependido, disse Rosival” mais uma vez a ideia de que foi por impulso, como se nem ele próprio soubesse dizer o porquê.

Trazendo ainda a seguinte descrição, “o autor usou uma peixeira para golpear o peito da vítima. As filhas de Maria, de cinco, oito e 12 anos, presenciaram a cena. Nenhuma delas era do relacionamento com Rosival” disse o delegado que investiga o caso. A exibição do ato pode ser visto como uma forma de reafirmar a masculinidade.

A matéria termina com a informação de que “Rosival não tinha passagem pela polícia”, esta é a única reportagem que contém essa informação e passa a ideia de que o agressor era um cara comum até então, como se este crime pudesse ser percebido como uma singularidade em sua vida.

O jornal ao acolher a versão do agressor, mostra o seu sofrimento diante da situação, transforma-o em vítima, há condescendência para com o agressor e até a busca de empatia, a seleção das falas dele deixa a ideia de que seus motivos foram nobres, porque só queria o melhor para a sua companheira, como se isso fosse um argumento plausível.

3.6. Brutalidade irracional.

Na fonte 6, que consta no anexo 6, de 21/06/2006 nota-se no título principal novamente a questão da irracionalidade, incivilidade e violência como algo que estaria fora da sociedade ou da realidade: “Brutalidade Irracional”. Subtítulo: “Marido degola a esposa com estilete e usa a mesma arma para se matar no Setor Comercial”. Essa matéria fala de um crime que aconteceu no centro, mas envolve pessoas de Valparaíso (GO), entorno de Brasília. A chamada da matéria traz duas características que denotam juízo de valor, assim como na Fonte 4, coloca o agressor como à parte da sociedade, do que é civilizado. Como já mencionado, há certa tendência do jornal em colocar o agressor em uma posição extrema. *Brutalidade Irracional* sugere que o crime é da categoria do animalesco. No subtítulo a escolha da palavra *degola*, para descrição do assassinato, gera dúvida se o pescoço da vítima foi ou não desmembrado do corpo. Considerando que a arma utilizada para o crime foi um estilete de escritório, imediatamente traz ao leitor a imagem de quão violento deve ter sido o ato.

Na legenda da imagem, (ver anexo 6): “Casal deixou três filhos. Suspeita da polícia é de crime passionai”, mostra um escritório com a vítima estendida em uma cadeira, de costas, ensanguentada, e o agressor no chão, também ensanguentado. Além de aspectos que denotam horror, como já exposto nos comentários acima, a reportagem dá relevância sobre o crime ter acontecido no centro comercial mais movimentado de Brasília.

O maior centro comercial de Brasília foi palco de um crime brutal. A supervisora Karina Justina, 26, morreu degolada pelo marido ontem, enquanto trabalhava num prédio do Setor Comercial Sul (SCS) [...] O crime ocorreu às 15h no Edifício Palácio do Comércio. O prédio é um dos mais movimentados do SCS, onde 60 mil pessoas circulam diariamente.

A partir desses fragmentos, parece haver comoção pela violência da periferia ir para o centro, mais do que o ato em si. E continua com a explicação de como o agressor burlou a segurança do prédio:

Investigadores da 1ª DP suspeitam que Vicente chegou armado com o estilete. Passou pela recepção sem se identificar e subiu até o 2º andar, onde funciona uma empresa de consultoria. Karina prestava serviço no call center. [...] Conhecido dos funcionários, o marido entrou sem que os demais estranhassem.

Os dois trechos acima somam quase a metade da matéria, o que demonstra a importância do assassinato ocorrer no centro da cidade. O jornal descreve

detalhadamente sobre como ocorreu o assassinato “Vicente Martins, 28 atacou a mulher em frente aos colegas de trabalho com um estilete de escritório. Usou a mesma arma para acabar com a própria vida em seguida” Essa fala se assemelha com a da Fonte 2: “Em seguida o carregador tentou se matar. Com a mesma faca, fez um corte no próprio pescoço”¹⁷ A *mesma arma* pode ser vista como representação (PESAVENTO, 2003) do motivo, a mesma arma que mata Karina, mata Vicente, seria a paixão ou ciúmes? Mais adiante, o jornal continua a descrição da violência, esta matéria, assim como as Fontes 1, 2 e a fonte 7, que ainda será apresentada, fala sobre o agressor atentar contra a própria vida.

[...] A vítima não percebeu a presença dele. Vicente puxou a mulher pelos cabelos e a cortou na altura da jugular. Karina morreu na cadeira de trabalho sob o olhar dos colegas. O marido ainda levantou a arma e rasgou o próprio pescoço. Um funcionário tentou pará-lo. Não teve tempo.

Em seguida, o jornal apresenta a seguinte fala “A cena chocou o delegado, Carlos Pereira. ‘Ele teve a frieza de degolá-la e usar a mesma arma nele’, revelou Pereira que acredita em crime passionai.” Dizer que o delegado, que está acostumado a ver todo tipo de crime, está impressionado é certificar que o ato foi realmente perturbador. A fala de uma autoridade da segurança confere credibilidade para a narrativa, porém o seu discurso se contradiz, *frieza e passionai* tem sentidos opostos A ideia de crime passionai fala de uma ação movida por uma forte paixão. Assim, pode-se dizer que o indivíduo teria ficado incontrolável devido à intensidade de emoção (MAZZUCHELL; FERREIRA, 2007), já a frieza remete ao caso premeditado.

Por último, o jornal busca por explicações sobre o motivo do crime, porém parece não haver resposta, pois ninguém apresentou desentendimento no histórico do casal:

Um dos funcionários disse que o marido costumava ir até o escritório. A frequência (sic) teria aumentados nos últimos meses. ‘Ninguém esperava. Não sabia se estavam separados ou se brigavam. Ela era calma e simpática’, descreveu. [...] “Durante o dia, o casal deixava as duas crianças com a babá Sirliane Pimentel Araújo. Ela jamais ouviu discussões ou briga entre os dois.

Essa matéria não teve o que falar sobre a história dos dois, já que segundo suas fontes o casal não tinha desavenças, e nem apresenta uma discussão sobre o assunto no sentido de entender os motivos deste episódio e dos diversos casos de assassinato de

¹⁷ Ver análise da Fonte 2, página 21.

mulheres. Mas, ainda assim, o jornal fez forte exploração do título e da foto, indicando que importante é mostrar sangue.

Dois aspectos são dados à personalidade da mulher: *calma e simpática* ao incluir essa informação na narrativa é possível supor que o jornal não acha aspectos que possam culpabilizá-la, uma vez que em todas as outras matérias houve aspectos que denotassem alguma responsabilidade à vítima pelo crime. Por isso passa a impressão de que o crime não tem resposta, pois ela não teria feito nada que instigasse seu companheiro a matá-la.

3.7. Matou a ex e se matou.

Por fim, na fonte 7 de 23/08/2006, ver anexo 7, nota-se praticamente um exemplo de feminicídio no título principal: “Matou a ex e se matou”. Subtítulo: “Inconformado com o fim do namoro, rapaz atira na antiga namorada e, depois, comete suicídio”. O termo *inconformado* aparece neste título assim como na Fonte 1, “Cristiane levou três tiros do ex inconformado” e na fonte 2 “Inconformado com a separação, marido mata a mulher a facadas e tenta cometer suicídio”. O que tem por trás desta simples palavra é o fato de que muitos homens não respeitam a decisão de suas companheiras de saírem do relacionamento, isso expressa a ideia de posse e controle sobre as mulheres. O jornal ao utilizar este termo não questiona a atitude do agressor, apenas mostra que é *normal (norma)* ter homens inconformados, como se fosse algo da natureza masculina. Apresentar uma descrição que aponte meramente *como as coisas acontecem*, coloca as desigualdades entre homens e mulheres como um aspecto inclusive biológico. Como já dito anteriormente, os papéis de gênero são construções sociais, portanto, são questionáveis (SCOTT, 1994).

Na legenda da imagem 7, ver anexo 7, novamente o inconformismo, só que das vítimas. “Inconformada, irmã da vítima chora perda”, mostra uma mulher sentada no chão com a cabeça baixa. *Inconformada* para esta cena é a imobilidade, impotência, já que não há nada a se fazer a não ser chorar, a passividade como característica para o feminino, enquanto que no título *inconformado* serve de justificativa para ação de matar.

A matéria exalta a vítima por procurar ajuda, “Ela não teve medo. Não suportou calada as ameaças do ex-namorado, que insistia em reatar o relacionamento de menos

de um ano. E pagou caro”. Neste trecho, entende-se que a atitude da vítima de buscar socorro teve um preço, havendo a possibilidade de ela estar viva se agisse de outra forma, talvez se não tivesse denunciado o agressor, como se a vítima tivesse medido as consequências e preferisse a morte a continuar com o seu companheiro. Em seguida, a matéria descreve o assassinato:

Na manhã de ontem, o vigilante Alex Henrique Prudêncio, 28 anos, invadiu a sala onde funcionava a empresa da ex-namorada, em Taguatinga. Desesperada, Ediléa Lopes Dourado, 28 anos, representante comercial, correu para a janela e saltou do segundo andar para um vão. Alex pulou da mesma janela. Eles caíram em uma escada que levava à garagem Lá, briga.

Ao dizer que o casal *brigou* dá a entender que os dois estavam em igualdade no embate, todavia qualquer agressão por parte da vítima é legítima defesa, também passa a ideia de que o agressor não tinha intenção premeditada do assassinato, contudo o agressor foi em direção à Ediléa armado.

Na queda, Alex se machucou. Mas, ainda assim, ficou em vantagem. Quando Ediléa começou a revidar as agressões, sacou uma pistola calibre 38 e atirou. Os vizinhos ouviram vários disparos. A polícia ainda não sabe quantos atingiram a mulher. Ediléa morreu na hora. Em seguida, Alex matou-se.

Quando Ediléa começou a revidar as agressões, sacou uma pistola calibre 38 e atirou, essa fala parece relacionar a ação do agressor, atirar, como uma resposta ao ato de defesa da vítima.

Ainda reforçando a ideia de *inconformado*, “Alex nunca se conformou com a separação, em novembro passado. Um mês depois, procurou a ex-namorada para reconciliação. Ela não quis. Diante da recusa, tentou violentá-la e fez a primeira ameaça de morte: apontou-lhe um revólver”. A fala deste trecho mostra Alex como um homem violento, uma característica sua. Seria isto um fato, parte da *natureza masculina*, não havendo muito o que discutir, tanto que o jornal não desenvolve nada no sentido de entender a situação, essa violência simplesmente existe.

Enquanto agir com violência é o esperado para o homem, o comportamento da mulher de procurar ajuda parece ser incomum, já que a vítima é enaltecida por sua atitude:

Ela não teve medo. Não suportou calada as ameaças [...] No dia seguinte, Ediléa reagiu. Foi à Delegacia de Atendimento à Mulher na 204 Sul. “ Foi oferecido um lugar na Casa Abrigo. Ela não aceitou afirmou a delegada-adjunta da Deam Jane Barbosa.

Aqui parece haver censura por Ediléa ter recusado a Casa Abrigo, como se ela tivesse sido negligente consigo. Sendo o homem por sua natureza violento, só restaria a ela se esconder. E, por último, a matéria que apresenta informações oficiais:

Dados da Deam mostram que 57% dos registros da delegacia são de ameaças. A maioria, interrompida a pedido das mulheres. "Não tem como continuarmos uma ação privada se for feito o pedido de arquivamento", explica a delegada da Deam, Jane Barbosa.

A estatística é uma tentativa de contextualizar o caso explicitado na matéria, o que aparentemente é interessante para informar o leitor, porém o jornal opta por interpretar a situação enviesando para culpabilização da vítima, uma vez que pela estrutura da narrativa o Estado estaria disponível para agir, enquanto as vítimas recusam tal assistência.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para responder a pergunta proposta a este trabalho - a representação que o jornal *Aqui DF* atribui ao feminicídio - outros dois aspectos também são importantes para se identificar já que se relacionam ao tema: a representação que a narrativa do jornal confere aos agressores e às vítimas. Apresenta-se adiante a análise cruzada dos dados coletados nas fontes.

O título é a primeira impressão da história que será contada, o convite à leitura, e o que se apresenta das matérias analisadas são características dadas ao crime – feminicídio - e, de certa forma, ao agressor. São adjetivações que trazem juízo de valor. Em suma, o jornal condena o ato e quem o praticou como um princípio moral, agindo como direcionador do que é certo e errado, passando um entendimento do que deve ser o pensamento de todo o *cidadão de bem*. Nesse sentido, Góes (2013) pela ótica de Angrimani, sobre a escrita sensacionalista aponta que esta se declara como “um educador, proibindo e castigando, mas também com propósitos mais cruéis: há humilhação, domínio (controle sobre o objeto) e uma perspectiva de quem quer ferir, causar dor” (ANGRIMANI apud GÓES, 2013, p. 3).

Como exemplo disso, pode se ver na Fonte 1: “Covardia do Enciumado”, “ex inconformado”; Fonte 2: “Mais um crime passionai”, “inconformado”; Fonte 5: “Se não é minha, não será de ninguém!” (demonstração de posse); Fonte 6: “Brutalidade Irracional” e Fonte 7: “Inconformado”. O fator emocional se faz presente no título, dando aos agressores características psicológicas de desequilíbrio, *ciúmes*, *inconformado*, *crime passionai*, *brutalidade irracional*.

Tal instabilidade é corroborada pelo destaque dado à violência praticada indicado no subtítulo ou na legenda da imagem: Fonte 1 “Cristiane levou três tiros do ex inconformado. Ele ainda tentou se matar, mas não conseguiu”; Fonte 2: “marido mata mulher a facadas e tenta cometer suicídio. Não conseguiu”; Fonte 3: “Assassinada com cindo (sic) tiros”; Fonte 4: “Assassino usou espeto para dar golpe de misericórdia” Fonte 5: “(...) Com esse argumento, Rosival Ferreira esfaqueou a ex-namorada Maria Andreлина, que encerrou namoro de dois anos”. Fonte 6: “Marido degola a esposa com estilete e usa a mesma arma para se matar no Setor Comercial” Fonte 7: “Inconformado com o fim do namoro, rapaz atira na antiga namorada e, depois, comete suicídio”.

Desse modo, pelo título já é possível identificar um estereótipo aos agressores, a *instabilidade emocional*. E, ainda há, de forma implícita, *os ciúmes e a paixão* como justificativa do que os levaram a saírem de si, a ficarem *irracionais*. Os casos se apresentam de forma singular, mesmo a Fonte 2 que traz o título “Mais um crime passionnal” pode indicar a repetição, mas não tira a excepcionalidade do caso pela violência exposta no jornal. As imagens, em duas matérias mostram corpos das vítimas, na Fonte 3 e da Fonte 6 e três imagens mostram sangue na Fonte 4, Fonte 5 e Fonte 6.

Com base na análise das narrativas em duas matérias há certa indulgência, no sentido de compreensão e defesa para os agressores. Na Fonte 1 Alberto é apresentado como um homem trabalhador, *o empresário*, apaixonado e ciumento, o único que é retratado como bem sucedido por seu status social. “ele chegou a dizer iria fazer uma besteira se encontrasse ela com outro. Mas é uma pessoa boa. Ninguém esperava isso”. A Fonte 5 mostra Rosival como digno de empatia, indica como os seus motivos foram nobres, como só queria o melhor para a vítima. Quase metade do texto é de falas dele “Eu cansei de falar para ela parar de fumar, e fiquei foi com muita raiva quando um cara que bebia com ela lhe pediu um cigarro. Ela tentou disfarçar para eu não perceber que ela estava com cigarro em casa”. Esta fonte também traz a informação de que ele não tinha passagem pela polícia.

Em duas matérias o agressor é praticamente anulado da narrativa, que se concentra mais em mostrar a vítima. Na fonte 2: é mencionada a sua profissão de *carregador* e os ciúmes desde que a vítima assumiu um emprego público e na Fonte 3, em um trecho refere-se ao agressor como sendo *traficante* e, em um outro momento fala-se sobre como a vítima estaria envolvida com uma pessoa de *má índole*.

Nas Fontes 4 e 6 não traçam um perfil do agressor, nem apontam nada sobre a sua vida pregressa, mas de forma indireta os mostram como violentos, devido ao destaque à agressividade do crime. Na Fonte 4 a imagem de ilustração traz a arma do crime, um espeto ensanguentado, além da descrição do crime “O assassino golpeou a namorada no pescoço com uma faca. ‘Cristina ficou se debatendo. Então, Sérgio pegou o espeto de frango e feriu a cabeça da namorada até ela morrer’” disse o delegado. A Fonte 6 também traz uma foto impactante que mostra os corpos do casal ensanguentados, e no relato do crime “A supervisora Karina Justina, 26, morreu degolada pelo marido ontem” e ainda “Vicente puxou a mulher pelos cabelos e a cortou

na altura da jugular. Karina morreu na cadeira de trabalho sob o olhar dos colegas. O marido ainda levantou a arma e rasgou o próprio pescoço”.

Já na Fonte 7, o agressor aparece como uma pessoa realmente violenta “Alex nunca se conformou com a separação, em novembro passado. Um mês depois, procurou a ex-namorada para reconciliação. Ela não quis. Diante da recusa, tentou violenta-la e fez a primeira ameaça de morte: apontou-lhe um revólver”. A exceção das fontes 1 e 5 que mostram certa indulgência aos agressores, as demais fontes dão grande destaque à violência.

A repetição da unidade informativa **violência** (e seu julgamento impresso) gera um tipo de discurso social autoritário que contempla a tragédia do impulso agressivo do homem. Viver é fatal, mata. A palavra de ordem dos jornais popularescos é a **repetição** de que a vida é perigosa e os homens matam (e os jornais noticiam e, por isso, mostram os maus). Ao repetir o mesmo enunciado a cada edição, realiza o culto à grandeza da violência na sociedade (e ao poder justiceiro do jornalismo) (PEDROSO, 1994, p. 3).

A seguir, sobre a representação das vítimas, a análise dos dados acompanha a exposição do motivo do crime. Na Fonte 1 a vítima é retratada como uma mulher jovem, bonita e, de forma indireta, como interesseira já que a narrativa se concentra em dizer que Alberto era bem sucedido. O motivo do crime apontado pelo jornal foi o fato de o agressor não aceitar o término do relacionamento – ela terminou por causa do seu ciúme e o texto tenta dar justificativas para a ação de Alberto, por ela trocar de namorado, como se pode ver em “Cristiane era noiva, mas terminou o relacionamento para ficar com o comerciante. O novo namoro durou três meses. Cristiane não suportou as crises de ciúmes, pediu demissão e reatou com o noivo.” Em outro trecho da fala do irmão da vítima “Quando olhei, ela tinha entrado no carro. Não sei se obrigada ou por vontade própria”, também há culpabilização sobre a vítima, como se ela pudesse ter escolhido não entrar no carro e, logo, não ter sido assassinada.

Na Fonte 2 a representação da vítima é dúbia, ela é apontada como ingênua por sua idade e bem sucedida por sua profissão. O motivo do crime é indicado pelo agressor não aceitar se separar de Ingrid, que por sua vez, se separou por causa dos ciúmes que o companheiro tinha de seu emprego. Na narrativa é possível ver culpabilização sobre a vítima no seguinte fala “Muito jovem, ela elegeu Antônio o homem com quem passaria o resto da sua vida e foi morar com ele” mostra pouca maturidade para escolha, como se tivesse escolhido *errado*. E, por meio de uma explicação pontual para o crime, mas que toma maior importância na narrativa do que a separação do casal “Inconformada, Ingrid

resolveu buscar o animal de estimação na casa do ex-cunhado. Lá encontrou a morte”, responsabiliza a vítima por querer o animal, como se esta tivesse sido a causa do assassinato.

Na Fonte 3 a vítima é exposta de forma infantilizada, é chamada de *menina*, e como rebelde, por estar envolvida com um traficante. O motivo do crime na matéria não fala sobre ela ter sido morta por seu gênero, mas porque estaria envolvida com *drogas*. Mesmo que em uma passagem da matéria se admita que “Segundo um amigo da vítima, ela e o namorado tinham uma relação conturbada”. É possível ver culpabilização sobre a vítima no trecho que diz “Um vizinho, que não quis se identificar, diz que a vítima estava ‘metida com gente ruim’, sendo uma delas o próprio namorado.” E em outra passagem: “Outra vizinha acredita que, por influência do namorado, Rafaela teria largado os estudos. ‘Acho que esse era um dos motivos que colocava a vida dela em risco e preocupava tanto a mãe’”.

A Fonte 4 dá maior ênfase ao agressor. A vítima aparece em poucas falas como “Sérgio contou que o casal havia ido para uma festa e que, depois de beber, o casal foi para o apartamento dele discutindo” informou o delegado. [...] O casal namorava há um ano e meio e tinha uma relação conturbada por causa do ciúme.” O motivo não se mostra claro, o fato de ter uma *relação conturbada* e ciúmes parece ser a causa para o assassinato. Ao incluir na narrativa que a vítima fez uso de bebida alcoólica, a matéria traz culpabilização sobre a vítima.

A Fonte 5 Mostra Maria Andreлина como uma mulher *festeira*, que faz uso de cigarro e cerveja como uma característica negativa, como se pode ver no trecho “ela estava com um grupo de amigos no quintal e todos tomavam cerveja” e a seguir, “Eu cansei de falar para ela parar de fumar, e fiquei com muita raiva quando um cara que bebia com ela lhe pediu um cigarro. Ela tentou disfarçar para eu não perceber que ela estava com cigarro em casa”. O motivo do crime é o fato de o agressor não aceitar que a vítima terminasse o relacionamento, devido aos ciúmes do companheiro, mas por esse trecho, passa a impressão de que foi por um simples cigarro. Também mostra culpabilização sobre a vítima, julgamento sobre o que ela deveria fazer e como seu companheiro estaria agindo de forma a discipliná-la.

Já na Fonte 6 sobre a representação da vítima, em um trecho fala que “Ela era calma e simpática” e a indicação sobre o seu trabalho como supervisora de um call

center. Mesmo com a informação na legenda da foto de que a “Suspeita da polícia é de crime passionai” o crime parece não ter explicação, não há pistas do motivo já que nas falas de testemunhas ninguém sabia sobre desavenças entre o casal. Aqui não há culpabilização sobre a vítima, ao contrário, o jornal não acha nada que possa dizer o que ela fez para morrer.

Por último, na Fonte 7 A vítima é apresentada como uma mulher corajosa por enfrentar o agressor, ao buscar ajuda. O motivo seria por ele não aceitar o término do relacionamento. “Ela não teve medo. Não suportou calada as ameaças do ex-namorado, que insistia em reatar o relacionamento de menos de um ano. E pagou caro”. Essa parte do texto mostra culpabilização sobre a vítima por ter procurado ajuda, *pagou caro*, parece dizer que o desfecho poderia ser outro se ela tivesse sido submissa. Em outro trecho também mostra responsabilidade da vítima por não ter aceitado a Casa Abrigo “Foi oferecido um lugar na Casa Abrigo. Ela não aceitou afirmou a delegada adjunta da Deam Jane Barbosa”.

Em resumo, as representações podem ser vistas por meio de dois aspectos, a subordinação, como na Fonte 2 que caracteriza a vítima como ingênua e na Fonte 6 que a retrata como calma e simpática. E as demais fontes trazem aspectos de insubordinação como na Fonte 1 que identifica a vítima como interesseira, a Fonte 3 que mostra a vítima como uma menina rebelde, as Fontes 4 e 5 que especificam as vítimas pelo uso de bebida alcoólica e a Fonte 7 como uma mulher corajosa.

Para complementar a imagem que o jornal passa das mulheres também é importante identificar que em todas as matérias a narrativa coloca certa culpabilização sobre as vítimas. Mesmo na Fonte 6, que não há um julgamento explícito à vítima, fica claro que o jornal procura qual seria a sua responsabilidade para o crime. Dizer que ela era *calma* e *simpática* mostra que não haveria respostas para o que ela poderia ter feito para provocar sua morte. Assim, percebe-se que o jornal sinaliza as mulheres, de alguma forma, como responsáveis por seu assassinato.

Ainda vale salientar pontos que o jornal escolheu como estratégia para noticiar as mortes. A violência ganhou destaque para compor a narrativa, como já descrito em outras partes deste trabalho, além da dramatização e romantização com falas desnecessárias para a informação, servindo apenas para causar comoção. Como, por exemplo, na Fonte 1 a menção ao que a vítima teria feito pouco antes de ser assassinada

“a última refeição de Cristiane Moreira Barros, 21, ocorreu às 19h do domingo. Após jantar arroz, frango, farofa e salada, saiu da casa humilde, em Samambaia, para ir a um orelhão”.

Assim como na Fonte 3, “Após passar a manhã brincando com o sobrinho de 4 anos na casa do irmão, Rafaela rumou para a morada nº14 do conjunto 06 da QR 308, onde residia. Ali ficou por um tempo” e ainda com “Almoçou, foi para o quarto e, pouco depois, saiu. Como de costume, trancou a porta e pôs a chave do cômodo no bolso da bermuda” Essa mesma fonte ainda exhibe uma espécie de *poema* para falar da morte “Ontem a preocupação de dona Maria chegou ao fim. Foi substituída por uma dor indescritível. Dentro de casa não estará mais a menina com sede de independência e sorriso fácil. Tudo porque alguém tirou Rafaela de perto daqueles que a amavam”.

E por último, trechos que colocam o assassinato como uma fatalidade que ocorreu após uma briga (interação igual entre as duas partes) como se pode ver na Fonte 2: Após a discussão, Antônio pegou uma faca e golpeou várias vezes a ex-mulher. Na Fonte 4: [...] o casal iniciou uma briga. O assassino golpeou a namorada no pescoço com uma faca. Na Fonte 5: “Foi então que começamos a brigar e ela terminou tudo. [...] No calor da discussão eu a esfaqueei [...]”. Na Fonte 7: “[...] Lá, briga. Na queda, Alex se machucou. Mas, ainda assim, ficou em vantagem. Quando Ediléa começou a revidar as agressões, sacou uma pistola calibre 38 e atirou”. Como se pode ver nos exemplos a ação dos homens é totalmente desproporcional, mas o jornal relata como se fosse consequência de uma briga que aconteceu em igualdade das duas partes.

Como visto, o jornal demonstra sua posição contra o feminicídio ao apresentar julgamento moral em seus títulos e aponta aos homens a característica de descontrole emocional. A ideia que traz é a de que os homens são violentos, isso é reforçado de várias formas, principalmente na descrição do *modus operandi* do crime. Tal violência é apontada como consequência da relação com as suas companheiras, como mostrado na narrativa de culpabilização das mulheres. Assim, o feminicídio é lamentado, mas parece ser inevitável, um fato que parece não merecer discussões mais profundas para sua compreensão. O motivo para o assassinato dados nas fontes 1, 2, 5 e 7 é explicitamente dado como a *inconformação* dos homens sobre a decisão das mulheres em se separar. Ao apontar que esses eventos simplesmente acontecem sem questionamento parece atribuí-los à natureza, uma compreensão simples de que homens matam mulheres!

Outro questionamento proposto para este trabalho foi identificar qual o lugar dado às mulheres na sociedade numa perspectiva de cidadania, segunda a narrativa do jornal *Aqui DF*. A partir de todo o exposto, o que se entende é que as mulheres têm uma posição menor do que a dos homens, de que eles têm direito sobre elas. Pela apresentação das matérias é possível supor aos homens o direito de ser possessivo, agressivo, ciumento, de cercear os desejos de sua companheira, já que esses elementos são identificados, mas não questionados nas matérias. Paradoxalmente o jornal condena o assassinato, indicando um limite e age como justiceiro, ao trazer termos que denotam valores morais em seus títulos. Assim, o seu discurso é violento e retoma uma violência agora simbólica às vítimas, que ressoa a todas as mulheres.

5. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ALBUQUERQUE, Naiara. **Como um caso do MasterChef ilustra a desigualdade de gênero na alta gastronomia**. Disponível em:

<<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/12/13/Como-um-caso-do-MasterChef-ilustra-a-desigualdade-de-g%C3%AAnero-na-alta-gastronomia>>. Acesso em: 03 de Jul. de 2019.

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995. Disponível em:

<<http://www.wejconsultoria.com.br/site/wp-content/uploads/2013/04/Danilo-Angrimani-Sobrinho-Espreme-que-sai-sangue.pdf>> Acesso em: 30 de Jun. de 2019.

AQUI DF. **Assassinada com cinco tiros**. Brasília. 12 de out. de 2006. Polícia. p. 7.

AQUI DF. **Brutalidade irracional**. Aqui DF. Brasília, 21 de jun. de 2006. Polícia. p. 5.

AQUI DF. **Conta do Twitter**. Disponível em: < https://twitter.com/aqui_df > Acesso em 15 de Jun. 2019.

AQUI DF. **Covardia do enciumado**. Brasília, 10 de out. de 2006. Polícia. p. 6.

AQUI DF. **Mais um crime passionai**. Brasília, 18 de jul. de 2006. Polícia. p. 6.

AQUI DF. **Matou a ex e se matou**. Brasília, 23 de mar. de 2006. Polícia. p. 5.

AQUI DF. **Matou e ligou pra mãe**. Brasília, 05 de jun. de 2006. Polícia. p. 6.

AQUI DF. **Página do Facebook**. Disponível em:

<https://www.facebook.com/jornalaquidf/?ref=br_rs>. Acesso em: 15 de Jun 2019.

AQUI DF. **Se não é minha, não será de ninguém**. Brasília, 08 de ago. de 2006. Polícia. p. 7.

AQUI DF. **Um novo jeito de fazer e ler jornal**. Brasília, 13 de mar. de 2006. Editorial. p. 1.

AZEVEDO, Ana Karina Silva. **Não há você sem mim: histórias de mulheres sobreviventes de uma tentativa de homicídio**. 2013. 202 f. Tese (Doutorado em Psicologia, Sociedade e Qualidade de Vida) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013. Disponível em

<http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/17399/1/AnaKSA_TESE.pdf> Acesso em 14 de Jun. de 2019.

BINS, Helena Dias de Castro; DOLER, Cíntia; TEITELBAUM, Paulo Oscar.

Homicídio seguido de suicídio: relato de caso. Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 128-131, 2009. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082009000200008&lng=en&nrm=iso> Acesso em 14 de Jun. de 2019.

BOUDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2ª Ed. 2003.

BRASIL, **Lei nº 11.340** de 7 de agosto de 2006. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm> Acesso em 08 de Jun. de 2019.

BRASIL, **Lei nº 13.104** de março de 2015. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm> Acesso em 08 de Jun. de 2019.

DANÇARINAS DOMINGÃO DO FAUSTÃO. Disponível em:

<<https://goo.gl/ahLZSy>>. Acesso em: 03 de Jul. de 2019

DIÁRIOS ASSOCIADOS. **Tá na boca do povo**. 2011. Disponível em:

<http://www.diariosassociados.com.br/home/veiculos.php?co_veiculo=24> Acesso em: 26 de Mai. 2019.

DIÁRIOS ASSOCIADOS. **O grupo hoje**. 2009. Disponível em:

<http://www.diariosassociados.com.br/home/conteudo.php?co_pagina=6&co_menu=1> Acesso em 22 de Jan. de 2019.

DICIO, Dicionário de Língua Portuguesa. **Objetificar**. Ver em:

<<https://www.dicio.com.br/objetificar/>> Acesso em: 21 de Jun. de 2019

GÓES, José Cristian. **Jornalismo sensacionalista: a construção de uma esfera pública limitada**. V Congresso da Compolítica, Curitiba, 2013.

<<http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2013/05/GT06-Cultura-politica-comportamento-e-opiniao-publica-JoseCristianGoes.pdf>>

HOLANDA, Janaína Maria Silva de. **O Sensacionalismo na Imprensa Mossoreense: Um estudo dos jornais impressos de Mossoró**. BOCC. 2009. Disponível em:

<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-sensacionalismo-holanda.pdf>> Acesso em 22 de Jan de 2019.

LUCA, Tânia Regina de. **História dos, nos e por meio de periódicos**. In: PINKSY, Carla Bassanesi. Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008

MACHADO, Lia Zanotta. MAGALHÃES, Maria Tereza Bossi de. **Violência conjugal: Os espelhos e as marcas**. Brasília: Série Antropologia. 230, 1998.

MASTERCHEF. Disponível em : <<https://goo.gl/K9DLpx>>. Acesso em: 03 de Jul. de 2019

MAZZUCHELL, C. G. FERREIRA, K. R. O. **Crime Passional: Quando a paixão aperta o gatilho**. III Encontro de Iniciação Científica: São Paulo. Unitoledo. v .3, n. 3 2007. Ver em:

<<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/1393/1331>> Acesso em 19 de Jun de 2019.

MICHAELIS, Dicionário de Língua Portuguesa. **Misericórdia**. Disponível em:

<<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=&t=&palavra=miseric%C3%B3rdia>> Acesso em: 07 de maio de 2019.

NOVAELA ESPELHO DA VIDA. Disponível em: <<https://goo.gl/i5sVss>> . Acesso em: 01 de Jul. de 2019

OLIVEIRA, Guilherme; OLIVEIRA, Nelson. **Três anos depois de aprovada, Lei do Feminicídio tem avanços e desafios**. Senado, 2018. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/tres-anos-depois-de-aprovada-lei-do-feminicidio-tem-avancos-e-desafios/tres-anos-depois-de-aprovada-lei-do-feminicidio-tem-avancos-e-desafios>> Acesso em: 04 Mar. 2019.

OMS. **Prevenção do Suicídio: Um Manual para Profissionais da Mídia** . Genebra, 2000. Disponível em: <http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_media_port.pdf> Acesso em: 16 de Jun. de 2019.

ONU MULHERES. **Diretrizes nacionais feminicídio: Investigar, processar e julgar Com perspectiva de gênero as mortes violentas de mulheres**. Curadoria Enap, 2016. Disponível em: <<https://exposicao.enap.gov.br/items/show/267>> Acesso em: 7 de Jun. de 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PEDROSO, Rosa Nívea. **Elementos para uma teoria do jornalismo sensacionalista**. Porto Alegre: Revista de Biblioteconomia & Comunicação, n. 1, v. 6, 1994. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/16552>> Acesso em: 20 de jun. 2019.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Ética, Liberdade de Imprensa, democracia e cidadania**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. Vol XXV, nº 2, junho/dezembro de 2002. Disponível em: <<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/420/389>> Acesso em: 23 de Jun. de 2019.

PROPAGANDA CARRO. Disponível em: <<https://goo.gl/CAAX3T>> Acesso em: 01 de Jul. de 2019

PROPAGANDA CERVEJA. Disponível em: <<https://goo.gl/UV75ti>>. Acesso em: 01 de Jul. de 2019

PROPAGANDA LIMPEZA. Disponível em: <<https://goo.gl/vS5bQu>> . Acesso em: 01 de Jul. de 2019

SCOTT, Joan Wallach: **Gender and politics of history**. Columbia University Press, N.Y., 1988. Tradução Mariza Corrêa, IFCH/Unicamp. Cadernos Pagu (3) 1994. p. 13.

SECRETARIA DE ESTADO DA MULHER DO DISTRITO FEDERAL. **Lei Maria da Penha: pelo fim da violência contra a mulher**. Brasília, 2013.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. Ed Contexto, 2ª Edição. São Paulo, 2005, p. 59.

SILVA, Laurenice. **Violência doméstica e familiar contra a mulher**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso em Direito – UNIC, Cuiabá, 2018. p. 20. Ver em: <<https://repositorio.pgsskroton.com.br/bitstream/123456789/20219/1/LAURENICE%20SILVA.pdf>> Acesso em: 16 de Jun 2019.

SOIHET, Rachel. **A Conquista do Espaço Público**. In: PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla Bassanezi. (org.) *Nova História das Mulheres no Brasil*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 218 -237.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência: Homicídios de Mulheres no Brasil**. Brasília: FLASCO BRASIL, 2015. p 21, 27. Disponível em: <https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf> Acesso em 28 de Mai. de 2019.

6. ANEXOS

COVARDIA DO ENCIUMADO

MARCELO FERREIRA/CB

Cristiane levou três tiros do ex inconformado. Ele ainda tentou se matar, mas não conseguiu

A última refeição de Cristiane Moreira Barros, 21, ocorreu às 19h do domingo. Após jantar arroz, frango, farofa e salada, saiu da casa humilde, em Samambaia, para ir a um orelhão. Três horas depois, policiais encontraram o corpo dela numa estrada na área rural da cidade, com três tiros na cabeça. O ex-namorado dela, o empresário Alberto Alves de Brito, 38, é acusado de ser o assassino. Depois de matar, ele atirou contra o próprio queixo, mas a bala saiu pelo lado esquerdo da face e sobreviveu.

Segundo os investigadores da 26ª DP, o empresário matou por ciúme. A relação deles começou há seis meses. O homem teria se interessado pela jovem quando ela apareceu no Supermercado Líder, em Samambaia, para entrevista de emprego. Ele é dono do comércio.

"O Alberto trocava de namorada toda hora, mas quando viu a Cristiane, parece que foi paixão a primeira vista", contou Fernanda Lins, 22, melhor amiga da jovem

assassinada e também funcionária do mercado.

Cristiane era noiva, mas terminou o relacionamento para ficar com o comerciante. O novo namoro durou três meses. Cristiane não suportou as crises de ciúme, pediu demissão e reatou com o noivo. "Ela reclamava que ele era ciumento. Dizia que ele a seguia e brigava muito", contou a amiga. Por quase 30 dias, o empresário tentou retomar a relação.

"Ele chegou a falar que ia fazer uma besteira se encontrasse ela com outro. Mas é uma pessoa boa. Ninguém esperava isso", comentou Fernanda.

A jovem morava com os pais numa pequena vila no terreno de uma granja. No domingo, quando saiu para telefonar, o empresário a aguardava numa caminhonete D 20 vermelha. "Quando olhei, ela tinha entrando no carro. Não sei se obrigada ou por vontade própria", disse o irmão da vítima, Wellerson Barros, 17.

Às 22h15, o empresário, já feri-

do com o tiro, bateu a porta de um morador da região e pediu ajuda. Após matar a ex e tentar se matar, caminhou cerca de 2 km em busca de socorro. Ontem, o delegado da 26ª DP, Cláudio Moura, disse que o empresário, internado no Hospital de Base, confessou o crime. À noite, foi passado por cirurgia que, até o fechamento da edição, não terminara.

FREQUENTE

O caso de Cristiane não é o único ataque contra mulheres registrado domingo. Ainda em Samambaia, Danilo Linhares, 21, seqüestrou a namorada, uma adolescente de 17 anos, e o filho deles, de dois meses. Num matagal na BR 060, agrediu a garota, usou cigarro para queimá-la, encharcou ela e o bebê com gasolina e ameaçou incendiá-los. Em Ceilândia, o motoboy Fábio Pinheiro, 21, tomado de ciúmes, atirou várias vezes contra a ex de 17 anos, no momento em que ela saía de casa. Errou os tiros.



MELHOR AMIGA DE CRISTIANE, FERNANDA ESTÁ DESOLADA

Anexo 1 – *Aqui DF*. 10 de out. de 2006. Polícia. p. 6. Covardia do Enciumado.

► CEILÂNDIA ◀

MAIS UM CRIME PASSIONAL

Inconformado com a separação, marido mata a mulher a facadas e tenta cometer suicídio. Não conseguiu

Ativar o Windows
Acesse as configurações do computador

MORQUE RENNE/ESPECIAL PARA O CB



A funcionária pública Ingrid Silva dedicou seis dos 20 anos de vida ao carregador Antônio Carlos Freitas, 25. Muito jovem, ela escolheu Antônio o homem com quem passaria o resto da vida e foi morar com ele. No domingo, decidiu colocar um ponto final no relacionamento. No mesmo dia, Antônio começou a fazer a mudança para o barracão nos fundos da casa de um irmão, na QNN 7, em Ceilândia. Levou consigo a cadela Kika. Inconformada, Ingrid resolveu buscar o animal de estimação na casa do ex-cunhado. Lá encontrou a morte.

Após discussão, Antônio pegou uma faca e golpeou várias vezes a ex-mulher. Ninguém conseguiu detê-lo. Ingrid foi atingida na garganta e em outras partes do corpo diversas vezes. Em seguida, o carregador tentou se matar. Com a mesma faca, fez um corte no próprio pescoço.

Familiares e vizinhos chamaram a Polícia Militar e o Corpo de Bombeiros. Ingrid e Antônio foram levados ao Hospital Regional de Ceilândia (HRC). Ela morreu. Ele foi operado na noite de domingo, onde permanece estável. Está internado na clínica cirúrgica do hospital, escoltado por dois policiais. Assim que se recuperar, será preso e responderá pelo crime de homicídio.

De acordo com o tio de Ingrid, o ladroneiro Marco Antônio Pessoa, 43, o relacionamento da sobrinha e de Antônio começou a se desgastar depois que ela ingressou, por meio de concurso, na Empresa de Correios de Telefones (ECT). A moça começou a trabalhar como digitadora. "Ela estava lá há pouco mais de um ano e ele sentia muito ciúme", diz Marco Antônio. Para ele, embora Ingrid gostasse do marido, a convivência entre os dois estava insustentável.

O AUTOR DO HOMICÍDIO ESTÁ INTERNADO. ASSIM QUE SE RECUPERAR, SERÁ PRESO

■ NÚMEROS ■

OUTROS CINCO CASOS EM 2006

13 DE JULHO
O comerciante Rubisimar Fernandes, 28, matou a ex-mulher, Silvana, 26, e se matou em seguida. O crime ocorreu em Ceilândia, na frente dos filhos do casal, de três e seis anos. O casal estava separado desde setembro.

20 DE JUNHO
Vicente Cós, 28, invadiu a sala onde a mulher dele, Karina Justina, 26, trabalhava como supervisora de telemarketing, no Setor Comercial. Parou atrás dela, e, com um estilete, degolou a vítima. Em seguida, acabou com a própria vida da mesma forma. A mulher deixou três filhos.

7 DE JUNHO
Eduardo Erickde, 30, e a auxiliar administrativa Érica Gonçalves, 21, entraram no motel Mon Cheri. Na noite seguinte, foram encontrados mortos com um tiro. Para a polícia, o homem atirou e cometeu suicídio.

12 DE ABRIL
O enfermeiro Paulo Fabrício, 51, entrou no Colégio Oswaldo Cruz, em Ceilândia, com uma pistola na bolsa e matou a ex-mulher, Cleomância, e o filho, Paulo Guilherme, de seis anos. Depois, cometeu suicídio.

22 de março
Em Taguatinga, o vigilante Alex Prudêncio, 28, invadiu a empresa de Ediléia Lopes, 28, ex-namorada dele. Sacou uma arma, matou a jovem e atirou contra a própria cabeça. O casal estava separado há quatro meses.

Anexo 2 – *Aqui DF*. 18 de jul. de 2006. Polícia. p. 6. Mais um crime passional.

► RECANTO DAS EMAS ◀

ASSASSINADA COM CINCO TIROS

Menina de 15 anos andava pela rua quando foi executada em plena luz do dia. O namorado é o principal suspeito

Com apenas 15 anos, Rafaela Gonçalves de Oliveira, a única filha (mulher) de Maria Gonçalves, foi executada com cinco tiros no Recanto das Emas. O principal suspeito é o namorado.

Após passar a manhã brincando com a sobrinha de 4 anos na casa do irmão, Rafaela rumou para a morada nº 14 do conjunto 06 da QR 308, onde residia. Ali, ficou por pouco tempo. Almoçou, foi para o quarto e, pouco depois, saiu. Como de costume, trancou a porta e pôs a chave do cômodo no bolso de sua bermuda. Sem avisar para onde ia, a menina deixou sua casa. Mas ela nunca mais voltaria. Por volta das 14h30, debaixo de chuva, Rafaela foi baleada enquanto caminhava no conjunto 19 da QR 307. A cabeça de cinco irmãos foi atingida por cinco tiros - na cabeça, no tórax e nas costas.

A adolescente, que trajava blusa, bermuda e chinelos cor-de-rosa, foi encontrada em um grande terreno baldio. Em volta, dezenas de pessoas comentavam o assassinato bárbaro. Um vizinho, que não quis se identificar, diz que a vítima estava "metida com gente ruim", sendo uma delas o próprio namorado. O rapaz - que não teve o nome divul-



FOTOS: PAULO DE ARAÚJO/CB

POLÍCIA AINDA ESTÁ NO INÍCIO DAS INVESTIGAÇÕES. MOTIVO PODE TER SIDO "DROGAS"

gado por ser, por enquanto, apenas suspeito - seria traficante.

De acordo com o delegado da 27ª DP, Ivanilson Severino Melo, uma testemunha contou ter visto o namorado dela atirar e depois fugir de bicicleta. "Estamos no início das investigações, mas tudo indica que o motivo do crime

tenha sido droga", adianta. E acrescenta: "Segundo um amigo da vítima, ela e o namorado tinham uma relação conturbada".

Outra vizinha acredita que, por influência do namorado, Rafaela teria largado os estudos. "Acho que esse era um dos motivos que colocava a vida dela em

risco e preocupava tanto a mãe", opina. Ontem, a preocupação de dona Maria chegou ao fim. Foi substituída por um adolorido e triste. Dentro de casa não estará mais a menina com sede de independência e sorriso fácil. Tudo porque alguém tirou Rafaela de perto daqueles que a amavam.

Anexo 3 – *Aqui DF*. 12 de out. de 2006. Polícia. p. 7. Assassinada com cinco tiros.



ASSASSINO USOU ESPETO PARA DAR GOLPE DE MISERICÓRDIA

Matou e ligou pra mãe

Um crime bárbaro chocou os moradores de Planaltina, na noite de sábado. O motivo: ciúmes. A vítima, Carolina Beatriz da Silva Oliveira, 20, morreu com uma facada no pescoço e pancadas de espeto na cabeça. O autor, Sérgio Avelino da Silva, 29 anos, ligou para a polícia após assassinar a namorada.

Segundo o delegado plantonista da 31ª DP, Sinval de Oliveira, o casal namorava há um ano e meio e tinha uma relação conturbada por causa do ciúme. "Sérgio contou que o casal havia ido para uma festa e que, depois de beber, o casal foi para o apartamento dele discutindo", informou o delegado.

Por volta das 18h, de volta ao apartamento, o casal iniciou uma briga. O assassino golpeou a namorada no pescoço com uma faca. "Cristina ficou se debatendo. Então, Sérgio pegou o espeto de frango e feriu a cabeça da namorada até ela morrer", disse Sinval.

Logo após o crime, ele telefonou para a Polícia Militar e aguardou embaixo de seu prédio. "Enquanto esperava, o assassino ligou para a família da namorada e disse: 'Pode vir buscar a Carolina porque ela está toda ensanguentada. Eu matei ela' (sic).", contou o delegado. Se condenado, pode pegar de 12 a 30 anos. Ele está preso no CDP.

Anexo 4 – *Aqui DF*. 05 de jun. de 2006. Polícia. p. 6. Matou e ligou pra mãe.

▶ VIOLÊNCIA ◀

“SE NÃO É MINHA, NÃO SERÁ DE NINGUÉM!”

Com esse argumento, Rosival Ferreira esfaqueou e matou a ex-namorada Maria Andreлина, que encerrou namoro de dois anos

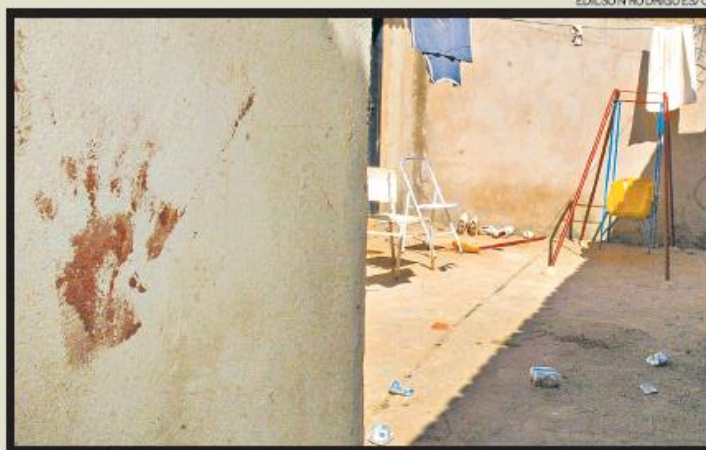
Michela Lucas
Do Aqui DF

A combinação entre bebida, ciúmes e um cigarro determinou mais um assassinato por motivo passionai no DF. O pedreiro Rosival Ferreira de Moraes, 26, foi preso em flagrante por volta das 23h de domingo, no saguão do Hospital Regional do Paranoá (HRP).

Ele protagonizou uma ação desesperada, violenta e irracional contra Maria Andreлина de Jesus, 32. Os dois namoravam há dois anos e tiveram um desentendimento definitivo na casa 210 da rua 14, no Bairro Vila Nova, de São Sebastião.

Segundo Rosival, quando ele chegou na casa da namorada, ela estava com um grupo de amigos no quintal e todos tomavam cerveja. A discussão começou por causa de um cigarro. “Eu cansei de falar para ela parar de fumar, e fiquei foi com muita raiva quando um cara que bebia com ela lhe pediu um cigarro. Ela tentou disfarçar para eu não perceber que estava com cigarro em casa”, contou o autor.

“Foi então que começamos a



NA PAREDE DA CASA, O RETRATO DA TRAGÉDIA, ASSISTIDA POR TRÊS CRIANÇAS

brigar e ela terminou tudo. Eu fiquei transtornado. Não aceitei o término. Fui em casa e peguei uma faca. Voltei na casa dela para convencê-la a reatar. No calor da discussão, eu a esfaqueei, porque se ela não fosse minha, não seria de ninguém. Se pudesse voltar atrás não te-

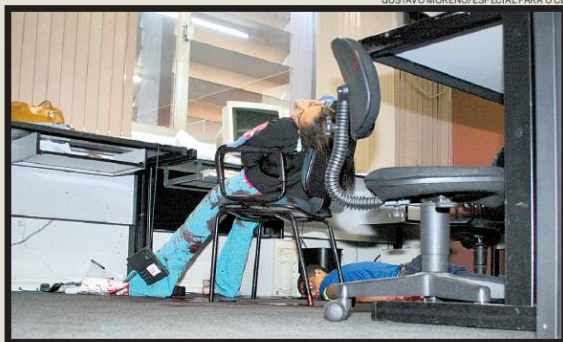
ria feito. Estou muito arrependido”, disse Rosival.

De acordo com o delegado de plantão da 30ª DP, de São Sebastião, Wágmar Roberto Silva, o autor usou uma faca para golpear o peito da vítima. As filhas de Maria, de cinco, oito e 12 anos, presenciam

ram a cena. Nenhuma delas era do relacionamento com Rosival. Maria chegou a ser socorrida e levada ao Hospital de Base, mas não resistiu aos ferimentos profundos. Rosival não tinha passagem pela polícia. Pode pegar de seis a 20 anos de reclusão.

Anexo 5 – *Aqui DF*. 08 de ago. de 2006. Polícia. p. 7. Se não é minha, não será de ninguém.

GUSTAVO MORENO/ESPECIAL PARA O CB



CASAL DEIXOU TRÊS FILHOS. SUSPEITA DA POLÍCIA É DE CRIME PASSIONAL

BRUTALIDADE IRRACIONAL

Marido degola esposa com estilete e usa a mesma arma para se matar no Setor Comercial

O maior centro comercial de Brasília foi palco de um crime brutal. A supervisora Karina Justina, 26, morreu degolada pelo marido ontem, enquanto trabalhava num prédio do Setor Comercial Sul (SCS). Vicente Martins, 28, atacou a mulher em frente aos colegas de trabalho com um estilete de escritório. Usou a mesma arma para acabar com a própria vida em seguida.

O crime ocorreu às 15h no Edifício Palácio do Comércio. O prédio é um dos mais movimentados do SCS, onde 60 mil pessoas circulam diariamente. Investigadores da 1ª DP suspeitam que Vicente chegou armado com o estilete. Passou pela recepção sem se identificar e subiu até o 2º

andar, onde funciona uma empresa de consultoria. Karina prestava serviço no call center.

Conhecido dos funcionários, o marido entrou sem que os demais estranhassem. A vítima não percebeu a presença dele. Vicente puxou a mulher pelos cabelos e a cortou na altura da jugular. Karina morreu na cadeira de trabalho sob o olhar dos colegas. O marido ainda levantou a arma e rasgou o próprio pescoço. Um funcionário tentou pará-lo. Não teve tempo.

A cena chocou o delegado responsável, Carlos Pereira. "Ele teve a frieza de degolá-la e usar a mesma arma nele", revelou Pereira, que acredita em crime passional. Os colegas entraram em pânico. Boa par-

te deixou o lugar aos prantos. Os donos da empresa não quiseram dar entrevistas. Um dos funcionários disse que o marido costumava ir até o escritório. A frequência teria aumentado nos últimos meses. "Ninguém esperava. Não sabia se estavam separados ou se brigavam. Ela era calma e simpática", descreveu.

Karina e Vicente estavam casados há seis anos. Moravam com mais dois filhos, um de 5 anos e outro de 7, numa casa no Valparaíso (GO). Uma terceira filha adolescente morava com a avó noutra casa. Durante o dia, o casal deixava as duas crianças com a babá Sirlane Pimentel Araújo. Ela jamais ouviu discussões ou brigas entre os dois.

▶ TAGUATINGA ◀

MATOU A EX E SE MATOU

Inconformado com fim de namoro, rapaz atira na antiga namorada e, depois, comete suicídio

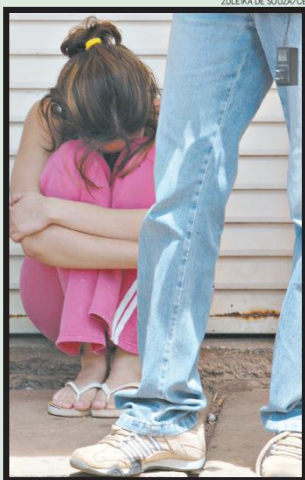
ZULEKA DE SOUZA/CB

Ela não teve medo. Não suportou calada as ameaças do ex-namorado, que insistia em reatar o relacionamento de menos de um ano. E pagou caro. Na manhã de ontem, o vigilante Alex Henrique Prudente, 28 anos, invadiu a sala onde funcionava a empresa da ex-namorada, em Taguatinga.

Desesperada, Ediléa Lopes Dourado, 28 anos, representante comercial, correu para a janela e saltou do segundo andar para um vão. Alex pulou da mesma janela. Eles caíram em uma escada que levava à garagem. Lá, briga. Na queda, Alex se machucou. Mas, ainda assim, ficou em vantagem. Quando Ediléa começou a revistar as agressões, sacou uma pistola calibre 38 e atirou. Os vizinhos ouviram vários disparos. A polícia ainda não sabe quantos atingiram a mulher. Ediléa morreu na hora. Em seguida, Alex matou-se.

Alex nunca se conformou com a separação, em novembro passado. Um mês depois, procurou a ex-namorada para reconciliação. Ela não quis. Diante da recusa, tentou violentá-la e fez a primeira ameaça de morte: apontou-lhe um revólver. No dia seguinte, Ediléa reagiu. Foi à Delegacia de Atendimento à Mulher, na 204 Sul. "Foi oferecido um lugar na Casa Abrigo. Ela não aceitou", afirmou a delegada-adjunta da Deam, Jane Barbosa.

Assustada, Ediléa passou janeiro na casa de uma amiga. Depois, retomou a rotina.



INCONFORMADA, IRMÃ DA VÍTIMA CHORA A PERDA

"Ela estava se reestruturando", lembra Gelber, um dos seis irmãos da moça. Alex morava com a tia, em Taguatinga, há sete anos. Tinha vindo de Minas. Até o final da tarde de ontem, familiares dele não sabiam da morte. Dados da Deam mostram

que 57% dos registros da delegacia são de ameaças. A maioria, interrompida a pedido das mulheres. "Não tem como continuarmos uma ação privada se for feito o pedido de arquivamento", explica a delegada da Deam, Jane Barbosa.

Anexo 6 – *Aqui DF*. 23 de mar. de 2006. Polícia. p. 5. Matou a ex e se matou.

Eu, Andressa Fonseca Sousa, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “As representações do Feminicídio na mídia impressa de Brasília: uma análise do jornal *Aqui DF*” foi integralmente por mim redigido, e que assinaei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.